



**UFSM**

**Dissertação de Mestrado**

**A EDUCAÇÃO FEMININA: ESCOLA DE  
ARTES E OFÍCIOS SANTA TERESINHA  
NO MUNICÍPIO DE SANTA MARIA/  
RS – UM ESTUDO DE CASO**

---

**Claudia Medianeira Gomes dos Santos**

**PPGE**

**Santa Maria, RS, Brasil**

**2004**

**A EDUCAÇÃO FEMININA: ESCOLA DE  
ARTES E OFÍCIOS SANTA TERESINHA  
NO MUNICÍPIO DE SANTA MARIA/  
RS – UM ESTUDO DE CASO**

---

por

**Claudia Medianeira Gomes dos Santos**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado do  
Programa de Pós-Graduação em Educação, da  
Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS),  
como requisito parcial para a obtenção do grau de  
**Mestre em Educação.**

**PPGE**

**Santa Maria, RS, Brasil**

**2004**

**Universidade Federal de Santa Maria  
Centro de Educação  
Programa de Pós-Graduação em Educação**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada,  
aprova a Dissertação de Mestrado

**A EDUCAÇÃO FEMININA: ESCOLA DE ARTES  
E OFÍCIOS SANTA TERESINHA NO MUNICÍPIO DE  
SANTA MARIA/RS – UM ESTUDO DE CASO**

elaborada por  
**Claudia Medianeira Gomes dos Santos**

como requisito parcial para obtenção do grau de  
**Mestre em Educação**

**COMISSÃO EXAMINADORA:**

---

**Prof. Dr. Jorge Luiz da Cunha**  
(Presidente/Orientador)

---

**Profa. Dra. Maria Medianeira Padoin**

---

**Profa. Dra. Maria Helena Menna Barreto Abrahão**

---

**Profa. Dra. Elisete Medianeira Tomazetti**  
(suplente)

Santa Maria, 19 de março de 2004

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a *DEUS*, que me deu força e coragem para seguir em frente, também a minha *FAMÍLIA* que sempre esteve ao meu lado, acreditando que era possível a concretização dos meus sonhos e entendendo que, muitas vezes, foi necessário a minha ausência para a dedicação a esta pesquisa, pois trabalhar e estudar é uma tarefa que demanda esforço.

Ao meu *ORIENTADOR*, professor Dr. Jorge Luiz da Cunha, que me incentivou a construir meu sonho, de desenvolver essa pesquisa.

As minhas *COLABORADORAS* de pesquisa, que demonstraram interesse e entusiasmo, durante o percurso desse trabalho com carinho e predisposição em todos os momentos.

Aos meus amigos do *POVO DO CLIO*, sempre presentes ao longo dessa caminhada, apoiando-me em momentos difíceis e, em especial aos meus colegas de Mestrado: Téssia, Ana Paula, Pedro e Haydée.

Aos *COLEGAS* do Colégio Coração de Maria, Grécia Cursos e Decisão Pré-Vestibular que, em todos os momentos que necessitei me ausentar para apresentar trabalhos, entrevistar ou, ainda pesquisar mantiveram-se dispostos em substituir-me.

E por fim, a uma *AMIGA* muito especial, Graziela Escandiel, que me fez acreditar no meu projeto de pesquisa, e que ele poderia ser desenvolvido no Mestrado.

Obrigada a todos por fazerem parte da história da minha vida profissional e pessoal.

## SUMÁRIO

LISTA DE QUADROS .....	vii
LISTA DE FIGURAS .....	viii
LISTA DE ANEXOS .....	ix
RESUMO .....	x
ABSTRACT .....	xi
INTRODUÇÃO .....	1
CAPÍTULO I: REFLEXÕES METODOLÓGICAS .....	9
1.1 Um estudo de caso .....	9
1.2 Uma questão de gênero .....	11
1.3 A história oral e memória – impressões do tempo .....	13
1.4 As imagens da história da educação .....	16
CAPÍTULO II: CONTEXTUALIZAÇÃO DA HISTÓRIA DA CIDADE DE SANTA MARIA – RS .....	20
2.1 A cidade de Santa Maria e a ferrovia .....	20
2.1.1 Origem histórica da cidade de Santa Maria .....	20
CAPÍTULO III: A FERROVIA E A AÇÃO SOCIAL .....	28
3.1 Manuel Ribas .....	28
3.2 A edificação da Escola de Artes e Ofícios Santa Teresinha .....	35
3.3 A administração pedagógica da Escola de Artes e Ofícios Santa Teresinha .....	48
CAPÍTULO IV: A EDUCAÇÃO NA ESCOLA DE ARTES E OFÍCIOS SANTA TERESINHA .....	54
4.1 A educação e o positivismo .....	54
4.2 Educação para moças: lembranças de quem estudou na Escola de Artes e Ofícios Santa Teresinha .....	57

CAPÍTULO V: CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	79
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	81
FONTES ORAIS .....	85
ANEXOS .....	86

**LISTA DE QUADROS**

QUADRO 01 – As rendas do município desde 1858 até 1958 .....	23
--	----

**LISTA DE FIGURAS**

FIGURA 01 – Avenida Rio Branco em Santa Maria/RS .....	26
FIGURA 02 – Monumento ao ferroviário/1932 .....	33
FIGURA 03 – Prédio da Escola de Artes e Ofícios: seção feminina/1923 .....	38
FIGURA 04 – Seção feminina 1 <sup>o</sup> ano/1925 .....	39
FIGURA 05 – Seção feminina 4 <sup>o</sup> e 5 <sup>o</sup> ano/1925 .....	40
FIGURA 06 – Edifício para aulas de música e atividades domésticas/1925 .....	41
FIGURA 07 – Projeto da escola feminina em Santa Maria/1926 .....	43
FIGURA 08 – Fachada do prédio em conclusão/1928 .....	44
FIGURA 09 – Planta da escola feminina, com três andares .....	45
FIGURA 10 – Prédio atual do Colégio de Ensino Médio Manuel Ribas .....	47
FIGURA 11 – Cerimônia de reconhecimento do ensino complementar pelo Estado/RS .....	66
FIGURA 12 – Seção feminina: aula de costura e bordado/1929 .....	68
FIGURA 13 – Seção feminina: aula de música/1925 .....	71
FIGURA 14 – Lavatório feminino/1925 .....	72
FIGURA 15 – Dormitório feminino/1925 .....	73
FIGURA 16 – Exposição escolar feminina de 1926 .....	76
FIGURA 17 – Exposição escolar masculina de 1926 .....	76



## LISTA DE ANEXOS

ANEXO A – Dados da colaboradora .....	87
ANEXO B – Carta de cessão .....	88
ANEXO C – Relatório anual da cooperativa (1923) .....	89
ANEXO D – Imagem e oração de Santa Teresinha .....	90
ANEXO E - Relatório com diversas cidades no internato (1931) .....	91
ANEXO F – Currículo por curso (1927): 1º, 2º, 3º, 4º, 5º, 6º e 7º .....	92
ANEXO G – Convite de formatura .....	95
ANEXO G – Premiação escolar (1923) .....	96

## **RESUMO**

Dissertação de Mestrado  
Programa de Pós-Graduação em Educação  
Universidade Federal de Santa Maria, RS, Brasil

### **A EDUCAÇÃO FEMININA: ESCOLA DE ARTES E OFÍCIOS SANTA TERESINHA NO MUNICÍPIO DE SANTA MARIA-RS – UM ESTUDO DE CASO**

AUTORA: CLAUDIA MEDIANEIRA GOMES DOS SANTOS

ORIENTADOR: JORGE LUIZ DA CUNHA

Data e Local: Santa Maria, 19 de março de 2004.

A presente pesquisa objetiva investigar o processo histórico e pedagógico da Escola de Artes e Ofícios Santa Teresinha na cidade de Santa Maria-RS, bem como as suas influências na educação de meninas no início do século XX, cuja escola estava ligada ao empreendimento ferroviário. Como metodologia, utiliza-se do estudo de caso e de gênero, da abordagem investigativa da história Oral e a memória, valendo-se de instrumentos como registro de fotografias e análise documental através dos relatórios da Cooperativa de Consumo dos Empregados da Viação Férrea do Rio Grande do Sul, no período de 1920-1931, cujos documentos contribuíram sobremaneira para a construção dessa pesquisa. O uso de entrevistas, fez com que a memória das mulheres que estudaram na Santa Teresinha, viesse compor um novo olhar sobre a história da educação feminina, onde se buscou valorizar cada experiência contada. As fotografias, também possibilitaram a análise e reflexão do período histórico. E por fim, buscou-se desenvolver uma breve história da cidade de Santa Maria, abordando as mudanças geradas com a vinda da ferrovia, a trajetória de Manuel Ribas, a construção da Escola feminina e suas práticas, a influência da doutrina positivista e da religião católica e seus reflexos na composição de uma educação feminina voltada para a manutenção da estabilidade social, em que a mulher tinha o dever de ser mãe e esposa, compõe essa pesquisa.

**ABSTRACT**

M. S. Dissertation

Program of Post-Graduation in Education

Universidade Federal de Santa Maria, RS, Brasil

**A EDUCAÇÃO FEMININA: ESCOLA DE ARTES E OFÍCIOS  
SANTA TERESINHA NO MUNICÍPIO DE SANTA  
MARIA-RS – UM ESTUDO DE CASO  
(FEMININE EDUCATION: SCHOOL OF ARTS AND CRAFT SAINT  
TERESINHA IN THE TOWN OF SANTA MARIA/RS – A CASE STUDY)**

AUTHOR: CLAUDIA MEDIANEIRA GOMES DOS SANTOS

ADVISER: JORGE LUIZ DA CUNHA

Date and Local of Defense: Santa Maria, 19 of march 2004.

The present research aims at to investigate the historical and pedagogical process of the School of Arts and Craft Saint Teresinha, which was linked to the rail service web, in the town of Santa Maria/RS and its influence in the girls education in the earlier twentieth century. In the methodology, I used techniques such as: case and gender study, investigative approach of oral history and memory, photos and document analysis based on reports of the Cooperative of Consumption of Rail Service Workers during the period form 1920 to 1931. The use of interviews made the women that had studied in the school and it generated a new view over the history of feminine education in which every told experience has its value. The photos provided an analysis and a reflection of the historical period. At the end, I tried to carry out a brief history of Santa Maria considering aspects such as: the changes that the railway brought into the town, Manuel Ribas trajectory, the construction of the feminine school and its practices, the influence of the positivism of the catholic religion and its consequences to the composition of a feminine education concerned in maintaining the social stability in which the woman assumed the role of being mother and wife.

## INTRODUÇÃO

A pesquisa intitulada “A EDUCAÇÃO FEMININA: ESCOLA DE ARTES E OFÍCIOS SANTA TERESINHA NO MUNICÍPIO DE SANTA MARIA/RS – UM ESTUDO DE CASO”, faz parte da linha de pesquisa Práticas Educativas nas Instituições do Programa de Mestrado em Educação da Universidade Federal de Santa Maria/RS.

Este estudo propõe-se investigar o processo histórico e pedagógico da Escola de Artes e Ofícios Santa Teresinha, bem como suas influências na Educação de meninas de Santa Maria no início do século XX, cuja escola ligava-se à Viação Férrea do Rio Grande do Sul.

O tema foi escolhido por acreditar-se que se deve partir da história local/regional para edificar uma história da educação mais complexa, ou seja, partindo de determinada realidade, compreender a educação dentro do contexto histórico da cidade de Santa Maria/RS.

Procura-se elementos que possam construir a história da educação na cidade de Santa Maria, por intermédio do estudo da Escola de Artes e Ofícios Santa Teresinha hoje, Escola Estadual de Ensino Médio Manuel Ribas. A Escola Santa Teresinha tinha o objetivo de educar, exclusivamente, meninas, seguindo assim, as normas sociais do início do século XX, e ainda atendia a interesses da sociedade santa-mariense por estar vinculada à Viação Férrea, já que era um empreendimento desta.

O interesse pelo tema da educação das mulheres, e que mais tarde

focaliza-se na Escola Santa Teresinha, surgiu ainda na Graduação em virtude da necessidade da monografia de conclusão da Licenciatura Plena do Curso de História realizado nas Faculdades Franciscanas, hoje UNIFRA (Centro Universitário Franciscano), por ocasião de uma pesquisa que se utilizou da história oral para perceber e desenvolver o trabalho intitulado “*A Evolução Histórica da Cidade de Santa Maria no período de 1930 a 1960*”. Esse trabalho, nessa ocasião foi apresentado como requisito parcial para obtenção da aprovação na disciplina de Metodologia Científica II no ano de 1997, pois com ele, objetivava-se analisar a evolução histórica da cidade através da urbanização, e também do ponto de vista dos moradores que viveram nas proximidades do centro da cidade.

Para a sua elaboração, empregou-se a metodologia da História Oral e assim, no decorrer das entrevistas, observou-se um contexto histórico ligado ao passado, que ainda permeava a sociedade, ou seja, a educação das mulheres moldada para garantir um modelo social de mãe/esposa. Desta forma, entende-se que,

[...] a história não é só um levantamento de dados ou fatos; ela os relaciona entre si, procurando descobrir e sistematizar as relações existentes entre eles. A história, como toda forma de conhecimento, procura desvendar, revelar, sistematizar relações desconhecidas, não claras (Borges, 1993, p. 66).

Portanto, muitas informações que não foram utilizadas, na época, e a mim despertavam questionamentos, foram armazenadas até o momento em que houve o desabrochar para o desenvolvimento deste projeto de pesquisa que surgiu quando estive em contato com o Programa de Pós-Graduação

em Educação da Universidade Federal de Santa Maria – Mestrado em Educação, pois percebi que poderia pôr em prática um projeto que trazia as minhas inquietações e problematizações no campo educacional, ligados, naturalmente, ao desenvolvimento da ferrovia na cidade de Santa Maria.

A escolha das colaboradoras dessa pesquisa, está relacionada com o fato das mesmas terem estudado na Escola de Artes e Ofícios Santa Teresinha seção feminina, na cidade Santa Maria, Rio Grande do Sul, ou por terem tido contato com a Escola, em termos pedagógicos. As falas das colaboradoras serão utilizadas no trabalho, objetivando-se demonstrar o ponto de vista de quem conviveu e estava incluída dentro de um modelo de educação ligada aos ferroviários, a religião católica e à Viação Férrea do Rio Grande do Sul. Portanto, a pesquisa com o uso de entrevistas,

É um processo social, uma interação ou um empreendimento cooperativo, em que as palavras são o meio principal de troca. Não é apenas um processo de informação de mão-única passando de um (o entrevistado) para outro (o entrevistador). Ao contrário, ela é uma interação, uma troca de idéias e de significados, em que várias realidades e percepções são exploradas e desenvolvidas [...]. Quando nós lidamos com sentidos e sentimentos sobre o mundo e sobre os acontecimentos, existem diferentes realidades possíveis dependendo da situação e da natureza de interação (Gaskell, 2002, p. 74).

Levou-se em conta a individualidade e a disposição de cada colaboradora, bem como a ética em todos os momentos de construção desta pesquisa, desde transcrição das entrevistas até a autorização por escrito. Assim, optou-se pela aplicabilidade de nomes fictícios, como nos apresenta

Lorenzi (2000), a respeito dos entrevistados.

Nesse trabalho, as colaboradoras serão apresentadas com o nome de flores, pois acordou-se por essa forma, pelo fato delas manifestarem a sensibilidade feminina, que ficou evidenciada no decorrer das entrevistas e, aliando a isso, também, a maneira como eram vistas pela educação ministrada na Escola de Artes e Ofícios Santa Teresinha, ou seja, como elemento de perpetuação da espécie e da manutenção da ordem, pois as alunas seguiam o projeto pedagógico de uma Instituição voltada não só para a formação intelectual, como para a dos ofícios.

As meninas, hoje, senhoras, seguiriam a evolução da espécie assim como as flores, as quais nascem, crescem, têm seus botões, desabrocham liberam um perfume, e depois morrem abrangendo um grande leque de simbolismo que perpetuaria um modelo educacional voltado para as filhas de ferroviários. O estudo de caso nos possibilita entrar em contato com uma série de pessoas, cada qual com suas histórias, suas verdades, seus pontos de vista e seus relatos de experiências. Assim, para delimitar o trabalho, optou-se por cinco colaboradoras, sendo elas:

**Rosa:** Nasceu em Santa Maria, Rio Grande do Sul, em 1922. Foi aluna da Escola Santa Teresinha no período de 1930 a 1940. Atualmente, é dona de casa e participa de um grupo de terceira idade, e faz aulas de natação na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

**Violeta:** Nasceu em Santa Maria, Rio Grande do Sul, 1921. Foi aluna da Escola Santa Teresinha no período de 1928 a 1945. Foi professora, e hoje, está aposentada. É solteira, não exerce nenhuma atividade fora de casa e mora com mais duas irmãs, também solteiras.

**Margarida:** Nasceu em Santana do Livramento, Rio Grande do Sul,

em 1924, e estudou na Escola Santa Teresinha no período de 1930 a 1940. Foi professora, atualmente é viúva, e mora com sua filha mais velha.

**Orquídea:** Nasceu em Santiago, Rio Grande do Sul, em 1923. Foi aluna da Escola Santa Teresinha no período de 1930 a 1940. Atualmente, também participa de um grupo de terceira idade e mantém amizade com a colaboradora Rosa, ambas moram na mesma rua.

**Azaléia:** Nasceu em Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Foi professora da Escola de Artes e Ofícios Santa Teresinha, no período de 1940 a 1945, ministrando aulas de violino. Atualmente, dedica-se ao desenvolvimento de trabalhos manuais.

Dando ênfase à narrativa das colaboradoras, optou-se por entrevistas abertas, tendo em vista possibilitarem maior interação entre entrevistador/entrevistado, gerando, assim, uma vastidão de questionamentos, informações e expressões. Conforme Minayo (1994), as entrevistas abertas configuram-se como aquela que há uma interação com o informante, e que combina a observação, os relatos introspectivos de lembranças mais ou menos centrados em um tema.

As entrevistas foram realizadas nas residências das colaboradoras, com datas e horários, previamente agendados por telefone. Num primeiro momento, fez-se a apresentação do trabalho de pesquisa, seus objetivos e a importância dos depoimentos das colaboradoras para a construção desse trabalho. Após, foi iniciada a gravação da entrevista identificando a colaboradora (Anexo A).

Torna-se importante salientar que houve uma ótima recepção por parte dessas senhoras, as quais faziam questão de descrever, nos mínimos detalhes, tudo o que era perguntado, como também lembravam-se de



amigas que haviam estudado na Escola. Essas informações foram muito importantes, pois levaram-me a outras colaboradoras.

A duração das entrevistas variaram conforme a disponibilidade de tempo e disposição das colaboradoras. Entretanto, ao observar, atentamente, as entrevistadas, percebe-se a emoção das senhoras em recordar o passado, e até mesmo ao se posicionar e demonstrar como era feito determinado ensinamento. Então, tudo isso torna-se gratificante, para esse trabalho, porque nessa fase da pesquisa, as colaboradoras sentiram-se valorizadas na sua individualidade. Essa abordagem torna, portanto, o pesquisador sujeito da constituição do passado, devendo ser eticamente correto e não tentar influenciar o colaborador na sua fala.

No segundo momento, fez-se a transcrição das entrevistas de forma integral, o que exigiu bastante tempo. Logo após, foi impressa uma cópia da entrevista, e entregue à colaboradora para a realização da leitura do seu depoimento, caso achasse necessário retirar ou modificar alguma coisa e após fez-se a entrega da autorização da entrevista que, mais tarde, será utilizada no trabalho como documento (Anexo B).

As fotografias foram recursos utilizados como forma de dar credibilidade ao trabalho e demonstrar como as práticas pedagógicas permeavam a Escola feminina através da análise e contextualização das mesmas dentro do processo educativo.

Assim, tanto a aplicabilidade das entrevistas quanto a das fotografias dentro da pesquisa, será uma de forma de esclarecer e analisar a Educação na Escola Feminina de Artes e Ofícios Santa Teresinha, portanto elas aparecem ao longo do trabalho, e em momentos em que houve a necessidade de “dialogar” com outras fontes a fim de obter-se respostas

para alguns questionamentos da pesquisa.

Também como fonte histórica será utilizado os Relatórios apresentados pela Diretoria da Cooperativa de Consumo dos Empregados da Viação Férrea do Rio Grande do Sul, o qual era aprovado em Assembléia Geral, e no ano subsequente era impresso e distribuído entre os associados. Os documentos analisados correspondem ao período compreendido de 1920 a 1931, ressaltando-se que a data de impressão dos mesmos era sempre um ano posterior, porque, primeiramente, os relatórios teriam que ser apresentados e aprovados em Assembléia Geral dos cooperativados.

Esses relatórios apresentam, inicialmente, comentários sobre a situação econômica e política pela qual o país atravessava, seguido de uma explanação de gastos e futuros empreendimentos nos mais variados setores que abrangiam a Cooperativa, desde, a Escolas femininas e masculinas até açougues, padarias, farmácias, matadouros, hospital entre outros, sendo que, no final, era colocado um panorama geral da cooperativa e suas aplicações anuais (Anexo C).

Na tentativa de envidar esforços e sistematizar esse trabalho, ele é apresentado da seguinte forma:

No Capítulo I, intitulado “Reflexões Metodológicas”, serão apresentadas as metodologias utilizadas no decorrer da pesquisa, sendo elas: o Estudo de Caso, a Questão de Gênero, a História Oral, a Memória e a utilização de imagens.

No Capítulo II, intitulado “Contextualização da História da Cidade de Santa Maria – RS”, foi desenvolvido um breve histórico da fundação da cidade de Santa Maria e a sua evolução frente a instalação da ferrovia.

No Capítulo III, intitulado “A Ferrovia e a Ação Social”, desenvolve-se um breve histórico da vida de Manuel Ribas, como um precursor da fundação de escolas ligadas aos ferroviários, sob o ponto de vista dos Relatórios da Cooperativa dos Empregados da Viação Férrea do Rio Grande do Sul, da edificação do prédio escolar e como era a administração pedagógica da Escola de Artes e Ofícios Santa Teresinha.

No Capítulo IV, intitulado “A Educação na Escola de Artes e Ofícios Santa Teresinha”, abrangendo a doutrina Positivista e as lembranças das mulheres que estudaram na referida Escola, se valorizou a memória e as lembranças das colaboradoras.

No Capítulo V, intitulado “Considerações Finais”, foi abordada a importância de tal modelo educacional para a manutenção de uma sociedade no início do século XX, na cidade de Santa Maria, salientando o que as práticas educativas proporcionaram em termos de educação para as meninas que concluíram seus estudos na Escola de Artes e Ofícios Santa Teresinha.

# CAPÍTULO I

## REFLEXÕES METODOLÓGICAS

### 1.1 Um estudo de caso

Esta pesquisa se utiliza da abordagem qualitativa, porque a mesma permite a elaboração de meios e estratégias para a construção de uma nova história da educação. Assim sendo, o estudo de caso, torna-se importante à medida que faz parte de uma categoria de pesquisa que busca valorizar, através da coleta de dados, a individualidade, a compreensão de uma determinada realidade dentro de um tempo histórico.

Com o estudo de caso, busca-se detectar os significados que as pessoas davam aos fenômenos, considerando o sujeito como um ser social e histórico (Triviños, 1995).

Na pesquisa qualitativa o investigador é direcionado para o processo de sua pesquisa, o que leva a uma constante busca pela resolução do problema no qual a sua pesquisa está inserida, isto porque, segundo Triviños

os pesquisadores perceberam que muitas informações sobre a vida dos povos não podem ser quantificados e precisavam ser interpretadas de forma muito ampla que circunscrita ao simples dado objetivo (1995, p. 120).

Levando em consideração esta afirmação, o estudo de caso nos possibilita entrar em contato com uma série de pessoas, cada qual com suas

histórias, suas verdades e suas vivências.

O trabalho, sendo um estudo de Caso que focaliza o cotidiano escolar, (André, 1991), classifica-o como um estudo de caso etnográfico, pois se volta para as experiências e vivências dos indivíduos que participam e constroem o âmbito escolar. Assim sendo, ressalta que:

O estudo do cotidiano escolar se coloca como fundamental para se compreender como a escola desempenha o seu papel socializador, seja na transmissão dos conteúdos acadêmicos, seja na veiculação das crenças e valores que aparecem nas ações, interações, nas rotinas e nas relações sociais que caracterizam o cotidiano da experiência escolar (André, 1991, p. 39).

Logo, a importância do estudo do ambiente escolar se dá por propiciar a análise das atividades pedagógicas de uma forma reflexiva, pois é nele que se dá a prática, que envolve professores e alunos (as), e é através dele que os símbolos e, valores são perpassados e construídos pela escola. Portanto, ela está inserida dentro de um contexto social e mantém através de seu dia-a-dia formas de estar no mundo em um determinado período histórico.

A pesquisa qualitativa, a partir do estudo de caso, possibilita a análise da realidade social de forma complexa, por admitir que se,

Coletem e registrem dados de um caso particular ou de vários casos a fim de organizar um relatório ordenado e crítico de uma experiência, ou avaliá-la analiticamente, objetivando tomar decisões a seu respeito ou propor uma ação transformadora (Chizzotti, 1995, p. 102).

Essa metodologia de pesquisa viabiliza a abertura de um leque de possibilidades para a compreensão e o entendimento de um contexto

histórico ligado à educação feminina através do estudo de caso.

## **1.2 Uma questão de gênero**

Gênero, termo apresentado para teorizar a questão da diferença sexual, inicialmente, escolhido pelas feministas norte-americanas, indica uma rejeição ao determinismo biológico implícito quando se refere a termos como “sexo” ou “diferença sexual”.

O século XX foi marcado por profundas transformações, tanto no campo político quanto no campo social. Percebe-se que o universo da educação feminina, fulcro deste projeto de pesquisa, reflete os novos anseios da Escola de Artes e Ofícios Santa Teresinha, em Santa Maria Rio Grande do Sul.

A partir da possibilidade de interpretação que a História Cultural apresenta, a história das mulheres passa a ser vista como objeto e sujeito do processo histórico. Desse modo, busca-se compreender a história das mulheres por meio da educação e das práticas educativas ministradas na referida escola. Assim sendo, “o passado que é estudado não é um passado morto, mas um passado que, em algum sentido, está vivo no presente” (Faria Filho, 2000, p. 104).

A partir dessa reflexão, pretende-se perceber os estereótipos atribuídos à mulher, que é identificada com o trabalho doméstico e com o cuidado dedicado aos filhos, tarefas consideradas, no início do século XX, como instintivas, naturais às mulheres. Essa questão apresenta-se desde o período colonial, em que a casa, a maternidade e a família eram lugares reservados para as mulheres.

Como afirma Soihet (1991), a mulher não podia demonstrar sua sensibilidade sexual, que deveria estar ligada apenas à maternidade; em contraposição, as outras mulheres dotadas de erotismo intenso, eram entendidas como mulheres perigosas, dadas como criminosas, loucas, prostitutas. Esta configuração em torno do papel feminino ultrapassou o século XIX e parte do século XX, tendo, na classe dominante, grande respaldo.

A grande preocupação em relação à educação das meninas estava atrelada à manutenção de uma sociedade estável e organizada, conforme os princípios da época, onde a mulher deveria ser educada para ser uma boa mãe e boa esposa, visando atender aos interesses de uma burguesia emergente. A Viação Férrea enquadra-se nesse contexto, por meio da Escola de Artes e Ofícios Santa Teresinha, onde a mulher devia ser submetida a uma educação que primasse pelos princípios morais e buscasse o fortalecimento do sentimento de pudor e de família. Percebe-se que,

[...] as concepções de gênero diferem não apenas entre as sociedades ou os momentos históricos, mas no interior de uma dada sociedade, ao se considerar os diversos grupos (étnicos, religiosos, raciais, de classe) que a constituem (Louro, 1997, p. 23).

Esse trabalho busca compreender a educação das mulheres na Escola de Artes e Ofícios Santa Teresinha, principalmente ao perceber-se que, no papel de educadora, e desenvolvendo artes manuais, a mulher teria “livre acesso” ao trabalho, já que há uma grande relação entre ser mãe e ser professora, além disso, tais mulheres formavam e ensinavam futuros cidadãos, o que era muito importante para a consolidação da nova realidade urbano-industrial, no início do século XX.

### 1.3 A história oral e a memória – impressões do tempo

Ao empregar-se a *história oral* como fonte de informação, os relatos das colaboradoras tornam-se elementos imprescindíveis para a composição desta pesquisa. A utilização da história oral tem início a partir dos anos de 1918-1920, quando segundo Meihy (1996), a escola de Chicago elaborou regras capazes de dar credibilidade às histórias de vida.

As colaboradoras tornam-se as fontes vivas e a parte essencial para o pesquisador, que esforça-se em construir através da investigação como método, a possibilidade de edificar um novo entendimento para a educação. Nesse sentido, Portelli (1997), afirma que cada pessoa é um amálgama de grande número de histórias em potencial, de possibilidades imaginadas e não escolhidas, de perigos eminentes, contornados e pouco evitados. Portanto, cada entrevista converte-se em um momento único, por ser diferente de todas as outras entrevistas que o pesquisador já realizou, considerando a individualidade de cada colaboradora.

Há a necessidade de trabalhar-se com a História Oral como instrumento para a compreensão do universo da educação feminina e para o entendimento do contexto histórico da época, na tentativa de reconstruir padrões e modelos. Assim,

A História Oral tende a repensar a realidade não tanto como um tabuleiro em que todos os quadrados são iguais, mas como um mosaico ou uma colcha de retalhos, em que os pedaços são diferentes, porém, formam um todo coerente depois de reunidos (Perelmutter & Antonacci, 1997, p. 16).



Proporciona-se, através da História Oral, a construção da história da educação pelo olhar daquelas que, por muito tempo, ficaram esquecidas, no caso, as ex-alunas da Escola Santa Teresinha. Acredita-se na importância de cada indivíduo com suas vivências e suas memórias para edificar uma nova história.

Esta construção, através da História Oral, permite perceber que um modelo educacional feminino do início do século passado, ainda tem seus reflexos nos dias atuais, o que torna o passado e o presente muito próximos; já que as desigualdades existentes entre educação masculina e feminina ainda permeiam algumas escolas. Assim, afirma Meihy,

[...] como pressuposto, a História Oral implica uma percepção do passado como algo que tem continuidade hoje e cujo processo histórico não está acabado. A presença do passado no presente imediato das pessoas é a razão de ser da História Oral (1996, p. 09).

O medo de falar o que não podia ser falado, o medo de escrever o que não podia ser escrito, é via de acesso a uma História da Educação no Brasil em muitos pontos mascarada e controlada, pois não interessava à classe dominante, tornar público o que realmente acontecia. Podemos perceber isto desde o “descobrimento” do Brasil, onde foi soterrado, por muito tempo, a história dos nativos que habitavam o território brasileiro, depois o positivismo que se interessava por atos e fatos heróicos, e na ditadura militar, pós 1964, que cerceou a liberdade de expressão.

Portanto, a história oral revela-se importante para o afloramento das “memórias subterrâneas” represadas, ou seja, que ficaram submersas devido ao contexto social (Le Goff, 1994, p. 473).

Através da História Oral, trilhamos o caminho das Histórias de Vida de cada colaboradora, nesse caso, as entrevistas levam à compreensão da constituição dos fatos através de um novo prisma e, ao mesmo tempo, buscam-se elementos da memória para o entendimento de uma realidade. Com isso, permite-se a compreensão de que as Histórias de Vida das colaboradoras fizeram-se presentes nas falas, através dos seus relatos de vida. Como afirma Abrahão (2001), o relato de vida, faz alusão à história de uma vida contada pela própria pessoa que a viveu, já a História de vida descreve com propriedade o estudo de caso da vida de uma pessoa ou de um grupo.

A História Oral possibilita uma releitura do passado, através da memória daquelas que viveram em um dado momento histórico, cujo registro não foram encontrados nos livros, no caso em questão, registro da história da educação feminina na Escola de Artes Ofícios Santa Teresinha.

#### **a) Memória**

Nas sociedades sem escrita, a memória coletiva e a oralidade, ordenava os agentes sociais, cujo conhecimento era passado de uma geração para outra através da comunicação oral mas, a partir do momento em que houve a invenção da escrita, a forma de perceber o mundo recebeu outro significado.

Torna-se importante valorizar a memória sob o ponto de abordar-se uma nova forma de se perceber a história da educação das mulheres no início do século XX em Santa Maria. Sendo assim,

A memória torna-se importante à medida que desvela o passado e possibilita o entendimento do presente, vale dizer, ao permitir um novo olhar ao passado, a

memória possibilita entender a recente história da educação (Bosi, 1987, p. 32).

Em outras palavras, como nos diz Faria Filho,

Ao resgatar a memória, a História Oral rompe silêncios provenientes do cotidiano, do fazer anônimo, revelando acontecimentos, experiências e concepções que não se encontram nos documentos escritos e nas versões oficiais da historiografia. A memória revela também a pluralidade das versões vividas, opondo vozes que narram um mundo de conflitos, onde as relações sociais não são lineares (2000, p. 20).

Conforme Le Goff (1994), a memória, é o local onde cresce a história, que, por sua vez, a alimenta, procurando salvar o passado vivido para servir o presente e o futuro. Sendo assim, a memória foi e continua sendo percebida por diversos ângulos, e assume características próprias de acordo com o tempo histórico e a sociedade.

No entanto, deve-se levar em conta que ao trabalhar com a história de vida das colaboradoras, as quais foram alunas da Escola de Artes e Ofícios Santa Teresinha, as suas lembranças são trazidas para o presente, portanto, o processo de relembrar, serve às expectativas do tempo presente.

#### **1.4 As imagens da história da educação**

A iconografia tornou-se importante elemento de fonte histórica para a compreensão e análise da educação feminina no Brasil. E a fotografia, por sua vez, traz elementos para a construção da história da educação do início do século XX e, ao mesmo tempo, é uma forma de preservação da

memória, seja individual ou coletiva.

Segundo Moraes (2002), a fotografia surgiu no Brasil por volta de 1833, mas foi a partir de 1850 que se difundiu, a partir daí as dificuldades tecnológicas foram superadas, com a invenção, em 1881, da câmara portátil, que possibilitou o fotoamadorismo, tornando mais frequente o registro de paisagens e cenas urbanas.

Ao analisar-se uma fotografia como componente histórico, merece consideração, além da estética, perceber o contexto histórico em que está imbricada a imagem e seus significados. Desse modo, a fotografia é “*uma forma de representação da realidade*” (Chartier, 2002), que se presta, na medida do possível, para demonstrar a visão ou os interesses de um determinado grupo ou classe social. Desta forma:

A fotografia como recriação da realidade, como simulacro que é e não é, ao mesmo tempo, o objeto real, a fotografia no que mostra e no que dissimula, como conhecimento dissociado da experiência que redefine a própria realidade (Ciavatta, 2002, p. 16).

Portanto, as fotografias permitem a análise do espaço enquanto constituição de poder. Já as formas de como educar significavam vigiar, conforme Foucault (1991), ensina. Entendendo-se então o porquê de determinados padrões no momento de uma fotografia, e percebe-se o reflexo do modelo instituído, que deveria ser seguido pelas moças, filhas de ferroviários.

Como nos propõe Chartier (1990, p. 16-17), “identificar o modo com que em diferentes lugares e momentos, uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler”, ou seja, o modelo previamente construído

e estereotipado de mãe e esposa, onde a fotografia está intimamente ligada a construção de uma memória coletiva, o que, portanto, lhe dá legitimidade pois traduzem valores, idéias, tradições e comportamentos que orientam formas de ser e de agir.

À medida que se revelam os espaços e como eram utilizados, tais, como as salas de aula, as salas de bordados, as salas de música, os lavabos e as exposições dos trabalhos manuais, é possível configurar um ambiente de disciplina, de higiene e de qualidade, característicos do início do século XX, que nem sempre traduz o real significado, cabendo, ao pesquisador, fazer uma releitura, isto é, interpretar aquilo que não está explícito em uma fotografia.

Segundo Moraes (2002), organizadora do Álbum Fotográfico das Escolas Profissionais Públicas do Estado de São Paulo, as fotografias são elementos de preservação da memória, da cultura e da história de uma parcela da sociedade. Aprende-se sobre a história da vida de pessoas que viveram um sistema de ensino, dentro de um contexto histórico, através da fotografia. Ao mesmo tempo Moraes explica que:

Uma das grandes dificuldades que a fotografia impõe ao seu tratamento como fonte, consiste em superar a contemplação estética, o encanto exercido pela imagem, e apreendê-la enquanto produção de significados, cuja análise – a partir da contribuição da semiótica, da antropologia e da sociologia – envolve o conhecimento do fotógrafo, dos agentes contratantes, dos recursos tecnológicos disponíveis e das condições sócio-históricas em que foi efetuado o registro (2002, p. 15).

Percebe-se que, na fotografia, há importantes elementos para a construção da história das mulheres e da história da educação, não sendo a

imagem um mero registro neutro, já que está situada em uma sociedade e, como tal, reflete os interesses ou os anseios dessa. De acordo com Ciavatta,

Se, por um lado, a fotografia possui um caráter informativo, ela sempre é, simultaneamente, uma recriação da realidade conforme a visão particular do grupo social que a produz” (2002, p. 35).

O que torna perceptível que o uso da fotografia está diretamente relacionado com a forma com que é feita a apropriação da mesma por um determinado grupo ou classe social, representando uma determinada realidade ou interesse social.

Assim, a imagem fotográfica associada à memória, introduz uma nova dimensão do conhecimento histórico que se expressa através da escrita, contribuindo, assim, para a edificação de um novo olhar sobre a história da educação feminina, portanto, não se esgota na ação do fotógrafo, porque estabelece um diálogo com o leitor, o qual faz a sua leitura/interpretação sobre o que observou.

## CAPÍTULO II

### CONTEXTUALIZAÇÃO DA HISTÓRIA DA CIDADE DE SANTA MARIA – RS

#### 2.1 A cidade de Santa Maria e a ferrovia

A cidade de Santa Maria está situada no centro geográfico do Estado do Rio Grande do Sul e, no início do século XX, tornou-se uma das mais importantes cidades do interior, por sediar a Viação Férrea do Rio Grande do Sul, ou seja, um dos maiores entroncamentos ferroviários do Brasil, o que lhe valeu o título de **cidade ferroviária**.

Por essa ligação com a ferrovia, fundada em 1885, pôde ser percebido, na cidade de Santa Maria, o seu desenvolvimento e progresso, bem como a necessidade de uma escola feminina, no caso, a Escola de Artes e Ofícios Santa Teresinha, que estava também ligada à ferrovia. Portanto, faz-se necessário expor uma breve história da origem da cidade de Santa Maria até a chegada dos trilhos férreos, que provocou alterações visuais e sociais que demonstram a transformação ao longo dos anos, tornando-a palco e, ao mesmo tempo, agente reflexivo de acontecimentos nacionais e/ou internacionais.

##### 2.1.1 Origem histórica da cidade de Santa Maria

Segundo a Lenda da Imembuí apresentada por Rechia (1985), a cidade de Santa Maria teve sua origem em uma história de amor entre a índia Imembuí, cujo nome significa "salva das águas" e o português Rodrigues, cujo nome indígena era Morotim. A união dos dois teria dado origem ao

povoamento da cidade.

Já, segundo Padoin (1992), a fundação da Redução de São Cosme e Damião, em 1634, foi no local de origem do povoado que é hoje Santa Maria, fazendo parte da etapa de criação das reduções no Rio Grande do Sul, sendo destruída pelos bandeirantes por volta de 1638 a 1639, os quais estavam em busca de mão-de-obra indígena já reduzida, para escravizá-los. Após este acontecimento, houve a transferência da Redução para a região entre os rios Uruguai e Paraná.

Mais tarde, em 1797, houve um acampamento militar no Passo da Ferreira da Segunda Subcomissão Demarcadora dos Limites, significando que, neste período, Santa Maria seria uma região de fronteira, haja vista que este acampamento ficava próximo do acampamento espanhol, caso viesse ser efetivado o Tratado de Santo Ildefonso de 1777.

Conforme Beber (1998), o marco oficial da cidade de Santa Maria, corresponde a 1797, com o acampamento destinado a abrigar tanto civil quanto militares da Segunda Subcomissão Demarcadora de Limites, onde hoje é a rua do Acampamento, no centro da cidade. A partir desse fato, a região que compreende, atualmente, a cidade de Santa Maria, recebeu várias denominações, estando vinculadas a toda a estrutura político-administrativa brasileira, onde havia a Igreja atrelada ao Estado, ou seja, ao Padroado.

O foco do povoamento da cidade de Santa Maria foi o acampamento militar, que atraiu inúmeras pessoas que se mudaram para o local. Este crescimento populacional fez com que o Padre Fernando José Mascaranha Castelo Branco elevasse o povoado à categoria de Oratório em 1804 e, no decorrer de 1810, foi elevado à Capela Filial da Freguesia de Cachoeira, que, em 1812, foi elevada à categoria de Capela Curada.



Utilizando-se das informações de Viero (2003), observa-se que em 1837 houve a criação da Freguesia de Santa Maria da Boca do Monte e, em 1840 houve o fim do domínio dos farroupilhas de Santa Maria. Tempos depois, no ano de 1857, esta é elevada à condição de Vila, e devido o seu crescimento, em 1876, a Vila passa à categoria de cidade com a denominação de Santa Maria da Boca do Monte, ainda durante o reinado de Dom Pedro II.

Como afirma Beltrão (1979), o ano de 1885, foi bastante significativo para a cidade de Santa Maria, pois a mesma recebe as primeiras estradas de ferro, sendo inaugurada a linha Porto Alegre-Cachoeira-Santa Maria no ano de 1890, o que veio contribuir para o desenvolvimento e o crescimento da cidade, possibilitando a ligação com regiões antes isoladas.

O transporte de mercadorias e pessoas pelos trilhos férreos, leva a constatar-se um grande salto em termos de crescimento para a cidade de Santa Maria e região, estimulando, assim a urbanização. Nota-se, ainda, que a instalação da Viação Férrea propiciou a ascensão também do comércio e da indústria, levando ao acúmulo de capital.

Em face disso, em 1897, foi fundada a Praça do Comércio, hoje CACISM (Câmara de Indústria e Comércio de Santa Maria). Conforme Padoin (1992), uma entidade de classe que tinha por objetivo congregar os empresários e industriais que viam inicialmente a possibilidade de desenvolvimento econômico e industrial proporcionado pela ferrovia.

Com a presença da ferrovia, a cidade de Santa Maria tornou-se, no início do século XX, uma das cidades de maior destaque do Estado do Rio Grande do Sul, o que levou, conseqüentemente, inúmeras pessoas a se deslocarem para a cidade na busca de uma vida melhor, fosse trabalhando no comércio ou na ferrovia, o que oportunizou desenvolvimento financeiro

e urbano, cuja arrecadação municipal progrediu acentuadamente devido a maior circulação de capital em volta das engrenagens que constituíram o complexo férreo. O que podemos comprovar através da análise das rendas do município da Cidade de Santa Maria no Quadro 01, a seguir:

QUADRO 01 – As rendas do município desde 1858 até 1958.

<b>A) Arrecadadas:</b>		1892	30:101\$800	1925	999:064\$000
De 19 de maio a 30 de junho de 1858	13\$000	1893	38:609\$700	1926	975:150\$000
1858/1859	3:157\$640	1894	45:272\$530	1927	785:200\$000
1859/60	3:472\$000	1895	71:441\$220	1928	820:000\$000
1860/61	2:722\$000	1896	80:610\$000	1929	1.111:600\$000
1861/62	2:210\$400	1897	85:920\$000	1930	1.025:400\$000
1862/63	2:614\$520	1898	90:210\$000	1931	1.008:700\$000
1863/64	2:027\$260	1899	102:320\$600	1932	2.141:769\$000
1864/65	2:219\$900	<b>Receitas orçadas:</b>		1933	2.158:957\$000
1865/66	2:400\$000	1900	106:576\$000	1934	1.903:117\$840
1866/67	3:060\$000	1901	106:660\$000	1935	1.893:117\$800
1867/68	3:875\$000	1902	110:200\$000	1936	2.049:971\$000
1869/70	4:200\$000	1903	116:910\$000	1937	2.295:000\$000
1870/71	5:500\$000	1904	102:210\$000	1938	2.220:000\$000
1871/72	4:835\$333	1905	125:580\$000	1939	2.426:210\$000
1872/73	4:235\$333	1906	127:035\$000	1940	2.850:000\$000
1873/74	4:382\$666	1907	131:640\$000	1941	2.640:000\$000
1874/75	5:158\$280	1908	128:100\$000	1942	2.640:000\$000
1875/76	4:222\$900	1909	143:610\$000	1943	2.640:000\$000
1876/77	5:158\$280	1910	205:930\$000	1944	2.800:000\$000
1877/78	4:977\$000	1911	205:230\$000	1945	3.000:000\$000
1878/79	6:001\$500	1912	221:495\$000	1946	3.000:000\$000
1879/80	5:345\$860	1913	259:000\$000	1947	3.000:000\$000
1880/81	8:841\$300	1914	292:270\$000	1948	7.000:000\$000
1881/82	7:690\$000	1915	296:600\$000	1949	Cr\$ 7.200.000.00
1882/83	8:075\$500	1916	291:250\$000	1950	Cr\$ 7.905.000.00
1883/84 – até dezembro	12:930\$640	1917	309:550\$000	1951	Cr\$ 7.858.000.00
1885 – janeiro a dezembro	13:008\$670	1918	345:090\$000	1952	Cr\$ 7.878.500.00
1886	14:375\$770	1919	345:000\$000	1953	Cr\$ 18.310.000.00
1887	13:684\$270	1920	380:900\$000	1954	Cr\$ 16.317.000.00
1888	11:926\$580	1921	444:920\$000	1955	Cr\$ 21.910.000.00
1889	15:667\$850	1922	488:060\$000	1956	Cr\$ 25.200.000.00
1890	17:631\$000	1923	515:750\$000	1957	Cr\$ 42.000.710.00
1891	18:910\$000	1924	545:490\$000	1958	Cr\$ 49.290.000.00

Fonte: ABREU, J. P. (Org.). **Álbum ilustrado comemorativo do primeiro centenário da emancipação de Santa Maria (RS)**: 17 de maio de 1958. Gráfica Metrópole, 1958.

Assim, a cidade mudava sua fisionomia e adquiria pouco a pouco, ano a ano, um aspecto mais urbano, atendendo à demanda e às necessidades existentes em termos estruturais e, para tanto, havia a necessidade de crescer.

Observa-se que tais necessidades foram supridas, como nos apresenta Santos (1997), com várias construções, entre as quais destacaram-se: a construção do Jockey Clube (1900), o Colégio Industrial (1901), a Vila Belga (1901-1903), esta projetada pelo engenheiro belga Gustave Vouthier para ser moradia dos funcionários da companhia belga – *Compagnie Auxiliaire des Chemins de Fer au Brésil* – que vieram para a construção das ferrovias, o Hospital de Caridade (1903), o Colégio Sant’Anna (1905), o Banco Nacional do Comércio (1910), A Cooperativa de Consumo dos Empregados da Viação Férrea (1913), o Orfanato São Vicente de Paulo (1914), o Avenida Tênis Clube (1916), a Escola de Artes e Ofícios – seção masculina (1922), o Edifício da União do Caixeiros Viajantes (1926), entre outras.

As realizações acima mencionadas demonstram, de forma gradativa, o crescimento urbano da cidade no início do século XX, quase todas próximas à Viação Férrea, pois esta congregava, em seus quadros, centenas de trabalhadores que passaram a utilizar as novas realizações. Assim, a infra-estrutura da cidade teve que crescer por meio de escolas, lojas, hotéis, ruas, adaptando-se às novas necessidades e aos ideais de modernidade e higienização que permeava a sociedade da época, tendo como modelo instituinte as cidades européias e as paulistas (Moraes, 2002).

Todo crescimento urbano e econômico da cidade de Santa Maria no início do século XX, esteve vinculado direta ou indiretamente à presença da Viação Férrea, assinalando uma característica de um período do crepitar das máquinas e da utilização em grande escala dos transportes ferroviários.

Percebe-se que, em São Paulo, este processo floresceu aliado à produção de café, ou seja, à necessidade de mudança de uma sociedade rural para uma sociedade urbana.

Tanto as grandes cidades como São Paulo ou outras como Santa Maria, estiveram incluídas dentro do contexto de consolidação da revolução industrial e do capitalismo. Nelas, os trabalhadores tiveram que se adaptar a um novo ritmo e aos interesses capitalistas, em outras palavras, uns detinham os meios de produção e outros vendiam sua força de trabalho, como reflexo de acontecimentos nacionais e internacionais, como é possível perceber:

[...] A directoria da Cooperativa, em sessão realizada em 31 de julho de 1917, deliberou suspender o fornecimento nos armazéns ao pessoal em greve. Esta resolução foi calcada nos nossos estatutos, que mandam sustar os fornecimentos por ocasião de motins e greves (Relatório da Cooperativa de Consumo dos Empregados da Viação Férrea do Rio Grande do Sul, 1918, p. 07).

Salienta-se a preocupação dos governantes da cidade de Santa Maria em formar uma cidade padrão, moderna, organizada e higiênica, seguindo os padrões da modernidade. Conforme Correa (1994), a reforma urbana e a remodelação da cidade obedecia a uma racionalidade capitalista que via o sítio urbano como um local de limpeza, de competitividade, de produtividade e de civilidade.

Ao mesmo tempo que ocorria a construção de grandes edificações no centro da cidade, ainda existiam locais bucólicos para os animais beberem água, em uma das ruas que era considerada de maior movimentação, a

avenida Rio Branco, que ligava a Estação Ferroviária ao centro da cidade de Santa Maria, na qual ficava inúmeros pontos comerciais e a maioria dos hotéis. Como podemos constatar na Figura 01 abaixo.



FIGURA 01 – Avenida Rio Branco em Santa Maria/RS (Santos, 1997, p. 29).

Sendo um período em que a sociedade se transformava, adequando-se aos novos padrões, a cidade, então, era objeto do imaginário social. Este, segundo Cordova (1994), é a expressão dos anseios de um grupo ou de uma coletividade, podendo se tornar uma resposta possível aos conflitos, às divisões que existem na sociedade, elaborando assim uma hierarquia de valores.

Esse imaginário instituinte fez com que houvesse um êxodo rural, pois as pessoas acreditavam que indo para a cidade e deixando o campo, conseguiriam atingir uma vida melhor por intermédio de um emprego na

Viação Férrea do Rio Grande do Sul.

Todo esse contexto fez com que o Diretor Comercial, Senhor Manuel Ribas, juntamente com os membros da Cooperativa da Viação Férrea do Rio Grande do Sul, percebesse a necessidade de criar escolas ligadas à Cooperativa tanto feminina quanto masculina.

Conforme Correa (1994), o emprego de valores estéticos que remontavam o estilo clássico, sugerindo a ordem, o equilíbrio e a harmonia, foi ao encontro dos interesses desse grupo emergente que percebia, na arquitetura, uma forma de legitimação social.

E para tanto, inicialmente foi criada uma escola masculina e, posteriormente, uma escola feminina, ambas para filhos e filhas de funcionários da Viação Férrea, já que, no início do século XX, havia um reduzido número de escolas em Santa Maria, dentre elas o Colégio Distrital de Santa Maria, para formação de professores, que hoje é o Instituto de Educação Olavo Bilac e a Escola Complementar de Santa Maria.

## **CAPÍTULO III**

### **A FERROVIA E A AÇÃO SOCIAL**

#### **3.1 Manuel Ribas**

Torna-se importante conhecer a trajetória de Manuel Ribas e sua ligação com o cooperativismo, pois o objeto de pesquisa é a Escola de Artes e Ofícios Santa Teresinha, que foi idealizada, e estava ligada à Cooperativa de Consumo dos Empregados da Viação Férrea do Rio Grande do Sul.

Segundo Hartung (1996), a prática da cooperação atingiu seu grau mais elevado no início do século XIX, com a revolução industrial que ao mesmo tempo em que promovia desenvolvimento, gerava problemas. Assim, buscando superar problemas um grupo de tecelões ingleses da cidade de Rochdale, fundou em 1884 a primeira cooperativa de consumo.

No Brasil, a idéia de cooperativismo chegou juntamente com os imigrantes italianos e alemães, que, em 1902, na atual cidade de Caxias do Sul, os alemães fundaram a primeira cooperativa do Estado do Rio Grande do Sul.

Os Relatórios da Cooperativa de Consumo dos Empregados da Viação Férrea do Rio Grande do Sul, em vários momentos ao longo de suas edições (1920-1931), período em que foram analisados, demonstram que cooperativismo era um movimento que buscava constituir uma sociedade justa, livre e fraterna, através da organização social e econômica da comunidade, em bases democráticas, para atender as necessidades reais, de

seus cooperados. Assim, conforme Relatório da Cooperativa de Consumo dos Empregados da Viação Férrea do Rio Grande do Sul, o cooperativismo,

ensina que nos empreendimentos sociaes não cabem aventuras nem negócios precipitados [...] Mesmo porque o cooperativismo não é resultante de um acaso, nem uma concepção idealista gerada por uma mente superior, toda absorta nos devaneios do espírito e nas especulações doutrinarias sem finalidade prática. Os cooperadores não são collectivistas inconscientes. Não, nós não trabalhamos para a ruína da propriedade individual e não vemos a necessidade de abolir nem mesmo os instrumentos de produção, sobretudo, direi eu para elles. Nós queremos, ao contrário fazer chegar o obreiro a ser proprietário de seus instrumentos de produção (1927, p. 8-9).

Ao analisar o fragmento acima, podemos perceber que a cooperativa dos empregados da Viação Férrea do Rio Grande do Sul servia como “instrumento” de apaziguamento entre os donos de meios de produção e a mão-de-obra, já que faz alusão que o operário poderá se tornar proprietário, o que leva o trabalhador a ver a cooperativa como meio de conseguir realizar seus objetivos, mesmo sendo doutrinado e manipulado.

Essa mesma Cooperativa que pregava o coletivismo, em sessão realizada em 31 de julho de 1917, como já foi citado neste trabalho, deliberou: “suspender o fornecimento nos armazéns ao pessoal em greve”, alegando que esta atitude era devido ao fato de a Cooperativa encarar o associado apenas do ponto de vista econômico, e não do ponto de vista político. Novamente, podemos perceber que, por trás desta Cooperativa, havia interesses que não eram apenas dos trabalhadores, mas de um grupo que se sentia prejudicado com tal movimento.



Manuel Ferreira Ribas ficou à frente da Cooperativa de Consumo dos Empregados da Viação Férrea do Rio Grande do Sul no período de 1914 a 1932 segundo Albuquerque (1992), ou seja, por dezoito anos. Não era gaúcho, tendo nascido no Estado do Paraná, na cidade de Ponta Grossa, mas residiu no Estado do Rio Grande do Sul por mais de trinta anos.

Analisando-se, brevemente, a trajetória desse homem, constata-se que não tinha formação universitária e pertencia a uma família de agricultores bastante numerosa, eram treze irmãos. Em 1894, com vinte e um anos, casou-se com Zelinda Fonseca ainda no Estado do Paraná, tendo com ela seis filhos.

Sua trajetória no meio ferroviário iniciou-se no final do século XIX em 1905, quando o Senhor Gustavo Vauthier, engenheiro natural da Bélgica, que era casado com uma de suas irmãs e diretor da Companhia Auxiliare, convidou-o para trabalhar. Na época, essa Companhia era a concessionária das ferrovias gaúchas e estava expandindo os trilhos no Sul do Brasil.

Inicialmente seu trabalho era de distribuidor de mercadorias para as turmas em serviço ao longo das linhas férreas. Sendo o que nos afirma Albuquerque (1992), esse trabalho utilizava-se de vagões que corriam sobre os trilhos fornecendo mantimentos aos turmeiros, (ferroviários que trabalhavam em turmas em um determinado serviço ao longo da ferrovia).

Aos poucos, Manuel Ribas foi deixando de lado sua vida rural e passou a interessar-se pelo trabalho desenvolvido ao longo dos trilhos. Esse interesse o levará a ser grande conhecedor do cooperativismo, passando a organizar os ferroviários. Em um de seus discursos, ele afirmava que:

o cooperativismo existe no mundo desde que o homem adotou o regime tribal para garantir a sobrevivência, passando a valer-se do trabalho em conjunto para a

coleta de frutos, a caça e a pesca. Assim nestes novos tempos o cooperativismo é uma forma de sobrevivência e cooperação (Relatório da Cooperativa de Consumo dos Empregados da Viação Férrea do Rio Grande do Sul, 1921, p. 8-9).

Sua carreira dentro do meio ferroviário o conduziu há vários cargos até chegar à direção da Cooperativa de Consumo dos Empregados da Viação Férrea do Rio Grande do Sul, sendo importante viabilizador da fundação da mesma em 26 de outubro de 1913, e gerente até 1920. A partir desta data, passou a ocupar o cargo de Diretor Comercial dessa cooperativa.

Sendo Manuel Ribas comandante da maior cooperativa do Rio Grande do Sul e mais tarde, considerada a maior da América Latina, concorreu ao cargo de intendente da cidade de Santa Maria, (este cargo, atualmente, denomina-se de prefeito), com o intendente da época, o major Celso Penna Moraes, o qual tentava a reeleição. Devido a sua popularidade no meio ferroviário em 1927, venceu a eleição e tornou-se intendente de Santa Maria.

Fernando Callage, em visita a cidade de Santa Maria, nas vésperas da eleição, assim se manifestou em relação aos candidatos:

Francamente opto por Manuel Ribas [...] pois é uma máquina funcionando, um formidável dínamo propulsor de grandes energias. Gosto de Manuel Ribas, porque é um homem do meu tempo, não parou na vida a olhar a capelinha de Santo Antão Abbade, mas sim, os apitos das fábricas e o rodar das locomotivas [...] por todos os títulos, deve ser o intendente de Santa Maria. No momento em que o Rio Grande entra numa fase nova de progresso, de trabalho, de vida intensa, essa candidatura deve merecer acatamento de todos os habitantes de Santa Maria, porque corresponde perfeitamente às suas aspirações (Marchiori & Noal, 1997, p. 217).

Durante o período em que esteve à frente da Cooperativa, Manuel Ribas fez várias viagens à Europa, principalmente, à Suíça e à França, onde consolidou seu domínio da língua francesa, o que lhe permitiu fazer contatos com instituições ligadas às suas atividades no Brasil.

Ele possuía grande prestígio na cidade e no meio ferroviário. É preciso lembrar que esteve vinculado à assistência dos funcionários, já que estava intimamente ligado à fundação Cooperativa, da Escola de Artes e Ofícios Hugo Taylor, seção masculina, e à Escola de Artes e Ofícios Santa Teresinha. Naquele período, meninos e meninas estudavam separados, eles recebiam uma educação bem diferenciada.

Durante a revolução de 1930, um grande contingente de ferroviários apoiou Getúlio Vargas, que pôs fim à política do café-com-leite, que vinha sendo estruturada desde o término da “República da Espada” (1889-1894); nela, os Estados de São Paulo e de Minas Gerais, se revezavam no poder da república. Com a revolução, houve a substituição de grupos no poder, sem que isso representasse a chegada do povo ao poder, uma vez que o “novo” grupo manteve a massa atrelada a seus interesses políticos e econômicos, como afirma, como nos indica Félix (1996).

Por suas características e postura ante a esse fato histórico, Manuel Ribas atraiu o reconhecimento do presidente da República, Getúlio Dorneles Vargas, a tal ponto que, em 1937, durante o Estado Novo, foi nomeado interventor do Estado do Paraná. Pode-se analisar que essa atitude de Vargas não foi obra do acaso, haja vista 1930, ano em que os ferroviários haviam prestado grande auxílio à revolução, que o levava até ao poder.

Como uma forma de gratidão pela participação dos ferroviários santamarienses na Revolução de 1930, o então presidente do Estado do Rio

Grande do Sul, Flores da Cunha, mandou construir o Monumento ao Ferroviário, inaugurado em 1932, no bairro onde se concentrava o maior número de ferroviários em Santa Maria: o bairro Itararé. Como pôde ser constatado abaixo na Figura 02.



FIGURA 02 – Monumento ao Ferroviário/1932 (Santos, 1997, p. 22).

Assim ficou perceptível a ligação da cidade de Santa Maria com os acontecimentos marcantes em nível nacional e regional.

Walter Jobim, importante político gaúcho e santa-mariense, em 1959, escreveu no Jornal A Razão sobre Manuel Ribas, abordando algumas

características o qual considerava-o empreendedor e excelente administrador. Atualmente em sua homenagem o prédio onde funcionava a Escola Santa Teresinha, recebeu o seu nome, sendo o Colégio Estadual de Ensino Médio Manuel Ribas, também conhecido como Maneco.

[...] conheci-o no momento de transformação de um armazém de fornecimento ao pessoal da Viação Férrea na Cooperativa de consumo. Idéia sua, genuinamente sua a que outros amigos se lhe incorporaram. [...] como sociedade de pessoas coloca todos no mesmo pé de igualdade, forja assim uma solidariedade espontânea. [...] A disciplina medrava em todos os cantos, ordem e atividades simplesmente modelares. Naquele tempo, todas as horas eram úteis para o serviço, ou melhor, enquanto havia necessidade não se computavam horas. Quem não possuísse energias viris que cuidasse de outro ofício. [...] Os armazéns da Cooperativa se alastravam pelo Estado, seguiram-se escolas, o seu encanto. Da direção da Cooperativa passou para a administração da cidade. Resolveu o flagelo do saneamento, tornando Santa Maria uma cidade limpa e salubre (A Razão, 1959, p. 12).

Essas considerações feitas por Walter Jobim, refletem notadamente o contexto histórico vivido por Manuel Ribas e, também, a percepção de alguns em relação a sua pessoa e a seus feitos administrativos.

No ano de 1963, o então diretor do Colégio Estadual Manuel Ribas, Sadi Fagundes Ramos, pela portaria n. 785, de 04 de março de 1963, inaugurou no Salão Nobre da instituição o retrato do patrono do Colégio, Manuel Ribas, desenvolvido por Eduardo Trevisan. Tal ato demonstra que a representação que envolvia esta personalidade ainda está presente em nossos dias.

A contribuição de Manuel Ribas à cidade de Santa Maria fica evidenciada quando se leva em consideração o contexto histórico da época. Suas obras como a Cooperativa, as escolas tanto masculina quanto feminina, os armazéns e as farmácias demonstraram seus atos e o reflexo de uma sociedade emergente, que necessitava de um novo aparato social e estrutural, mas evidencia-se que, em vários momentos ao longo de sua trajetória política e administrativa se utilizou da cooperativa e de sua posição para manipular os ferroviários e atender aos interesses da Companhia Auxiliare.

### **3.2 A edificação da Escola de Artes e Ofícios Santa Teresinha**

Buscando-se elementos para a compreensão de uma educação feminina cujas práticas idealizaram um modelo de mulher que contribuiu para manter uma sociedade estável, faz-se necessário uma breve retrospectiva da construção do prédio que abrigou a Escola de Artes e Ofícios Santa Teresinha.

No início do século XX, surge a necessidade, por parte dos cooperativados e liderados por Manuel Ribas, de pensar na construção de uma escola voltada para a educação das moças, filhas de funcionários da Viação Férrea.

Assim, conforme o Relatório da Cooperativa dos Empregados da Viação Férrea do Rio Grande do Sul (1920), inicia-se a busca pelo espaço que iria servir para abrigar a educação das meninas, embora temporariamente, pois o objetivo da Cooperativa era a construção de um prédio adequado para serem ministradas as aulas do porte da Escola de Artes Ofícios masculina. Deste modo, assim sinalizavam a importância da educação das meninas:

No estado actual de civilização, a emancipação económica da mulher vem se accentuando, determinada pelas necessidades sempre crescentes da vida social, de fôrma que devemos prepara-la com aptidões para desempenhar sua nobilitante função e com capacidade de enfrentar as vicissitudes da vida que, cada vez mais, exige do individuo o aperfeiçoamento das suas aptidões, a par a elevação de sua educação intellectual e moral (Relatório da Cooperativa de Consumo dos Empregados da Viação Férrea do Rio Grande do Sul, 1922, p. 18).

Como em 1912, a Escola de Artes e Ofícios seção masculina já havia sido criada, e com o propósito de formar um profissional que atendesse à demanda da Viação Férrea, que estivesse vinculando à reprodução de conhecimentos específicos voltados para o mercado industrial e cuja direção da escola era formada por uma elite, já que o próprio Manuel Ribas vem para Santa Maria a convite de Vouthier, que pertencia aos quadros da Companhia Auxiliare que administrava a Viação Férrea, os cooperativados mais do que nunca, sentiam a necessidade de que uma escola feminina também fosse criada.

Entretanto, essa relação entre o líder do cooperativismo de Santa Maria com a direção da Companhia Auxiliare, faz que se compreenda, o porquê da construção das escolas feminina e masculina, ou seja, por trás de toda a organização cooperativa, estava os interesses de manutenção de poder e produtividade, e Manuel Ribas fazia parte deles.

E é dentro desse contexto que no Brasil pós 1940 se estabeleceu uma rede de ensino que tinha por objetivo formar trabalhadores qualificados para o mercado de trabalho, ou seja, uma escola ferroviária ligada à Rede Ferroviária Sociedade Anônima (RFFSA) e supervisão técnico pedagógica do Serviço Nacional de Aprendizagem (SENAI).

Nas palavras de Cunha (2001), a organização escolar e os princípios pedagógicos refletem uma trama de relações sociais norteadas de acordo com às exigências produtivas do trabalho. Passado alguns anos, nota-se que os objetivos em construir escolas técnicas continuaram os mesmos, pois vislumbra-se a qualificação de mão-de-obra, no caso das escolas masculinas ligadas à ferrovia para atender as necessidades da estrutura ferroviária.

No ano de 1921, a Cooperativa da Viação Férrea do Rio Grande do Sul projetou uma escola voltada para a educação das moças filhas dos funcionários da Viação Férrea, sendo criada a Escola de Artes e Ofícios, seção feminina; aberta em 1922 e transferida para prédio próprio, especialmente construído para abrigar meninas em 1930. Observa-se que os empreendimentos da cooperativa eram sempre noticiados em seus relatórios. Assim, segundo eles,

Inicialmente, as meninas foram alojadas em uma casa na Vila Belga, conforme mostra a Figura 03, cedida provisoriamente pela diretoria da Viação Férrea, mas rapidamente o espaço tornou-se pequeno, devido à grande procura por vagas. Assim, em 1922, a cooperativa dos empregados da Viação Férrea do Rio Grande do Sul disponibilizou verbas e mandou construir um prédio próprio para o funcionamento da escola feminina, localizando-a na rua Ernesto Becker. Deliberou-se, a partir desta data, de Escola de Artes e Ofícios com a subdivisão de Curso complementar feminino (Relatório da Cooperativa de Consumo dos Empregados da Viação Férrea do Rio Grande do Sul, 1923, p. 18).



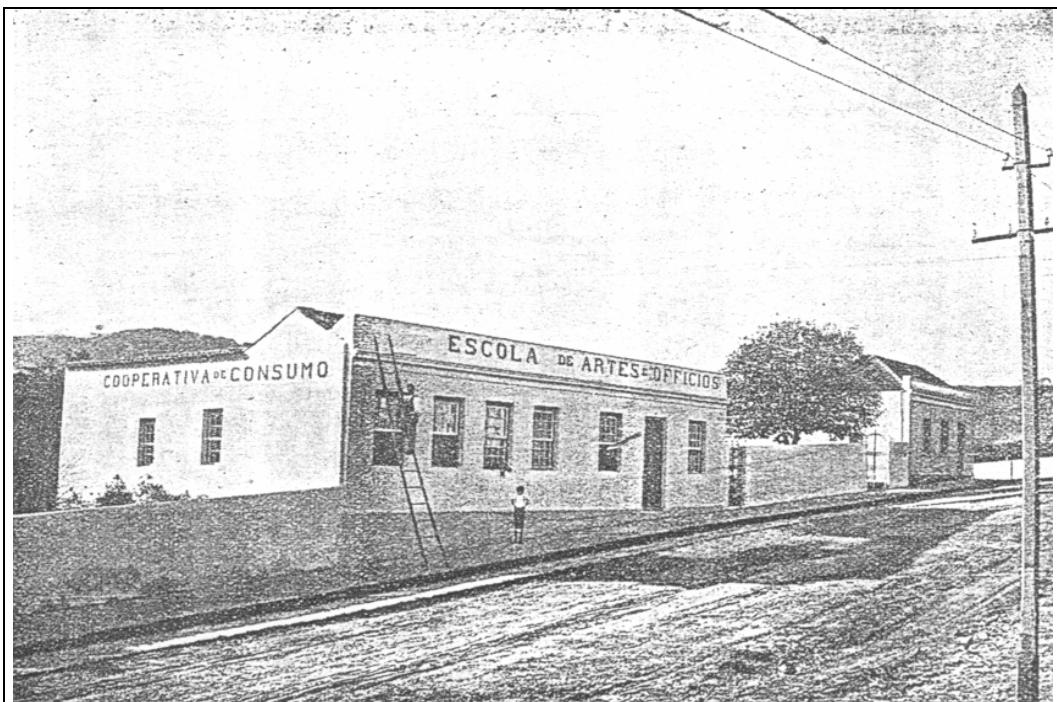


FIGURA 03 – Prédio da Escola de Artes e Ofícios: Seção feminina/1923 (Relatório da Cooperativa de Consumo dos Empregados da Viação Férrea do Rio Grande do Sul, 1923).

Inicialmente, as aulas estavam dispersas em casas-escola, inclusive pelas cidades onde os trilhos passavam, mas com essa forma de organização escolar, era difícil de controlar as atividades nelas desenvolvidas. Nota-se que a escola carregou, mesmo quando se separou da casa do (a) professor (a) a hierarquia e a burocracia, passando a ser concebida como um ambiente feminino, uma segunda casa.

Houve a construção ideológica da escola como local de trabalho-casa segura, onde deu-se a ampliação do papel de mãe e esposa, sendo legitimado a função das professoras. As professoras que ministravam e administravam a escola são do mesmo sexo das alunas, portanto essa organização é calcada no gênero e, por isso, esse é um dos motivos em que a Escola feminina ficou a cargo das Irmãs Franciscanas e a masculina dos Irmãos Maristas.

No ano de 1923, foi constatado que o espaço físico da recém-construída escola já estava pequeno ante a grande procura, pois foram 121 alunas matriculadas. Então, a diretoria da Cooperativa deliberou sobre a compra de um terreno nas imediações do complexo ferroviário para ampliá-la e para construir um edifício que pudesse ter acomodações para um internato, externato e ensino profissional, haja vista que muitas meninas vinham de outras cidades, por onde passavam os trilhos.

No ano de 1924, segundo o Relatório da Cooperativa de Consumo dos Empregados da Viação Férrea do Rio Grande do Sul do ano de 1925, a escola mudou-se para o novo endereço, e ocupou as casas existentes no terreno dos Von Bock, onde pôde-se constatar, pelos registros e pelas fotografias, que a escola feminina mantinha alunas desde as séries iniciais (Figura 04), até o chamado ensino complementar que, na época, habilitava as moças para exercer o magistério.



FIGURA 04 – Seção feminina 1<sup>o</sup> ano/1925 (Relatório da Cooperativa de Consumo dos Empregados da Viação Férrea do Rio Grande do Sul, 1926).

Por haver poucas alunas, em algumas séries, percebe-se que, as Irmãs Franciscanas uniam duas séries na mesma sala, sendo a organização escolar, de responsabilidade das religiosas. Constata-se tal fato na Figura 05.

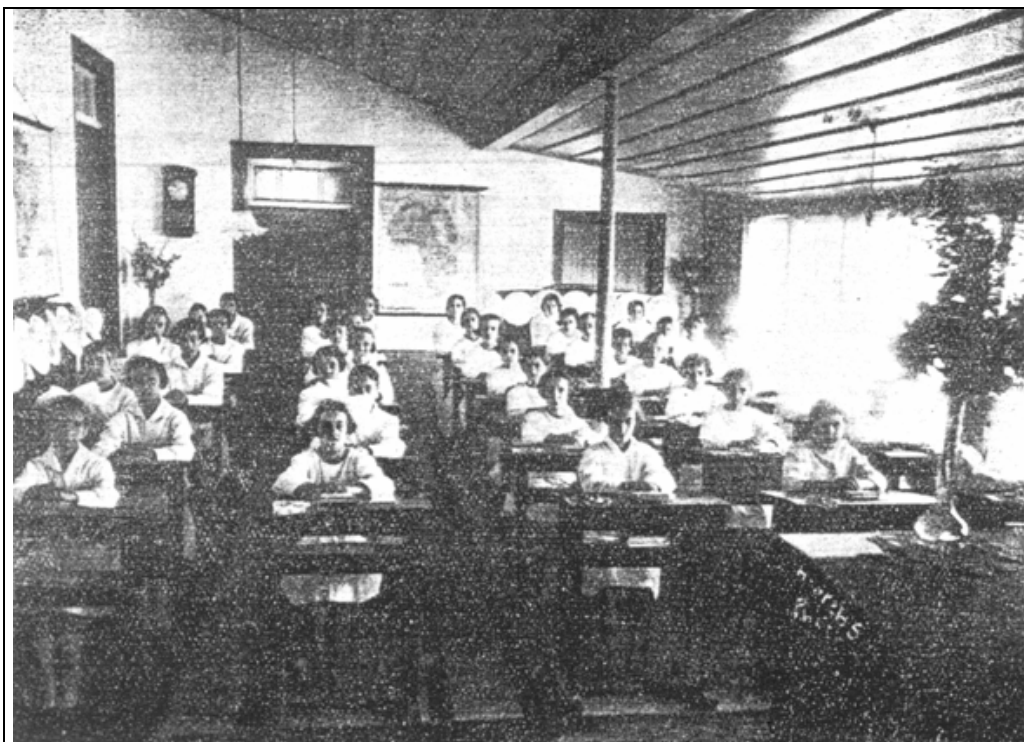


FIGURA 05 – Seção feminina 4<sup>o</sup> e 5<sup>o</sup> ano/1925 (Relatório da Cooperativa de Consumo dos Empregados da Viação Férrea do Rio Grande do Sul,1926).

Ainda na década de 20, observa-se a utilização de um prédio auxiliar à Escola feminina então construída, com estilo arquitetônico de uma residência, o qual tinha por função, ser o local para o desenvolvimento de atividades musicais e serviços domésticos, continuando a idéia escola/casa. Como podemos observar abaixo na Figura 06.

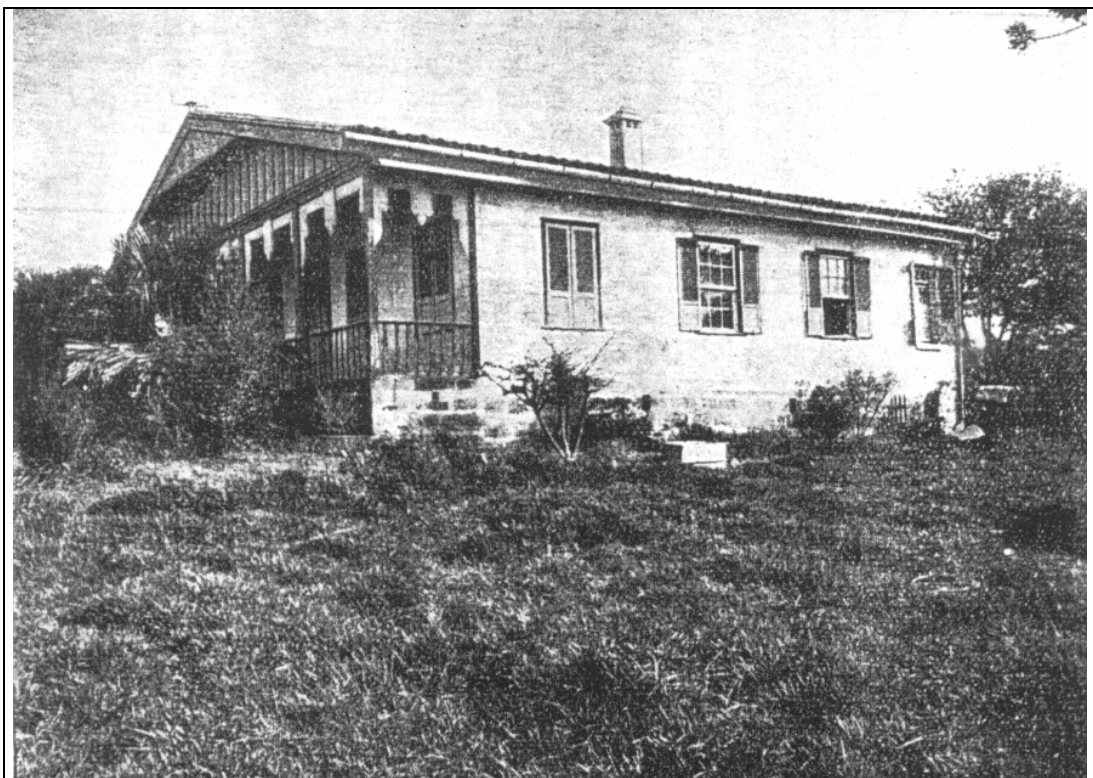


FIGURA 06 – Edifício para aulas de música e atividades domésticas/1925 (Relatório da Cooperativa de Consumo dos Empregados da Viação Férrea do Rio Grande do Sul, 1926).

A construção do prédio destinado ao Curso Complementar teve início em 1927, conforme o Relatório da Cooperativa de Consumo dos Empregados da Viação Férrea (1928), sendo construído seguindo a moderna pedagogia da época, ou seja, dotado de todo o aparato para o ensino profissional. Foi introduzido, nesse mesmo ano, um novo ramo de ensino: o de confecção de chapéus. Nele, muitas alunas “*revelaram talento artístico, aliando desempenho artístico e valor utilitário e econômico*” (Relatório da Cooperativa de Consumo dos Empregados da Viação Férrea do Rio Grande do Sul, 1927).

A Escola feminina foi inspirada nos Liceus Franceses, onde se desenvolvia não só a formação intelectual, como também os ofícios por

meio de aulas de corte e costura, bordado, chapelaria, culinária, pintura e música, utilizando-se de instrumentos como o piano, o violino e o bandolim.

Os Liceus foram criados, segundo Veiga (2000), durante o governo de Napoleão Bonaparte, para a formação de professores dentro de um processo de reestruturação da educação na França, o qual rompia com o antigo regime, ou seja, com o Absolutismo, dando ares de liberalismo.

Ao inspirar-se nos modelos dos liceus, buscava-se o afastamento do processo colonial rumo ao mundo moderno e “civilizado”, por isso a Europa era vista como um padrão a ser seguido. Ao mencionarem-se as viagens feitas por Manuel Ribas e sua comitiva à França, percebe-se que elas serviam não só para estabelecer novos negócios, mas também para observar um modelo educacional a ser seguido; já que, de lá, eram trazidos livros, métodos e técnicas para serem apresentados e postos em prática pela Cooperativa da Viação Férrea em sua escola feminina.

Pode-se inferir que, ao inspirarem-se nos moldes franceses, os brasileiros pretendiam suplantam o modelo monárquico rural do Brasil, para dar ênfase a um novo modelo mais moderno que surgira juntamente com a ferrovia e com a indústria, muito embora não se tenha, declaradamente, essas afirmativas na documentação analisada.

A Cooperativa dos Empregados da Viação Férrea do Rio Grande do Sul sentiu necessidade de montar uma escola feminina de Artes e Ofícios, do porte da escola masculina já existente, e inspirada nos liceus franceses; por isso, em 1926, divulgaram o “*grande projeto arquitetônico*” das novas dependências da escola (Figura 07).

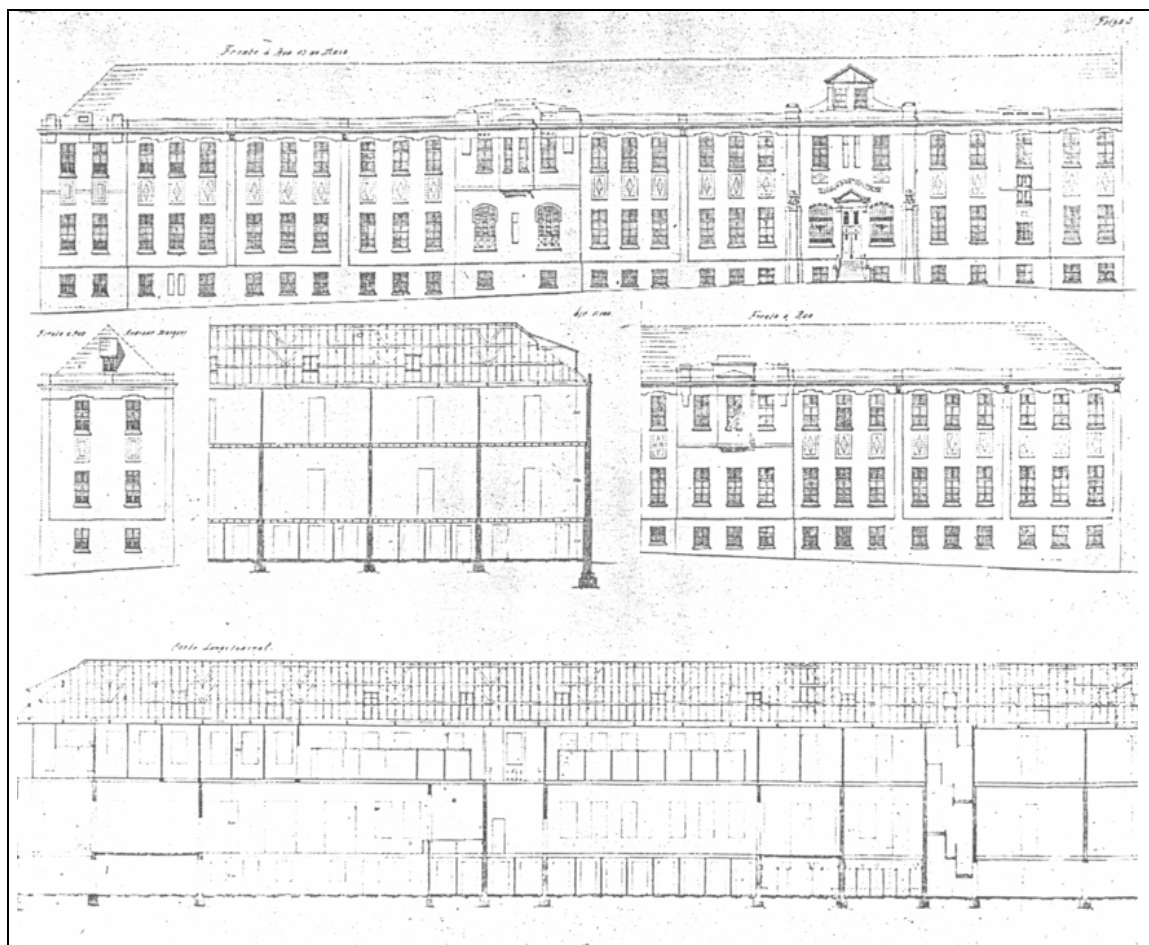


FIGURA 07 – Projeto da escola feminina em Santa Maria/1926 (Relatório da Cooperativa de Consumo dos Empregados da Viação Férrea do Rio Grande do Sul, 1927).

A construção estava prevista para o ano seguinte. Em 1928, suas dependências foram parcialmente ocupadas (Figura 08), haja vista que as obras continuavam. Já, em 1929, as obras foram concluídas. A inauguração oficial deu-se em 14 de maio de 1930, com uma grande e solene cerimônia.



FIGURA 08 – Fachada do prédio em conclusão/1928 (Relatório da Cooperativa de Consumo dos Empregados da Viação Férrea do Rio Grande do Sul, 1929).

O estilo do prédio é eclético, marcado por elementos geométricos e com decorações discretas. A planta é em formato de “bumerangue” (Figura 09), ligando duas alas há uma linha curva; onde a porta principal do prédio se abre para a rua José do Patrocínio, estando muito próximo do complexo ferroviário.

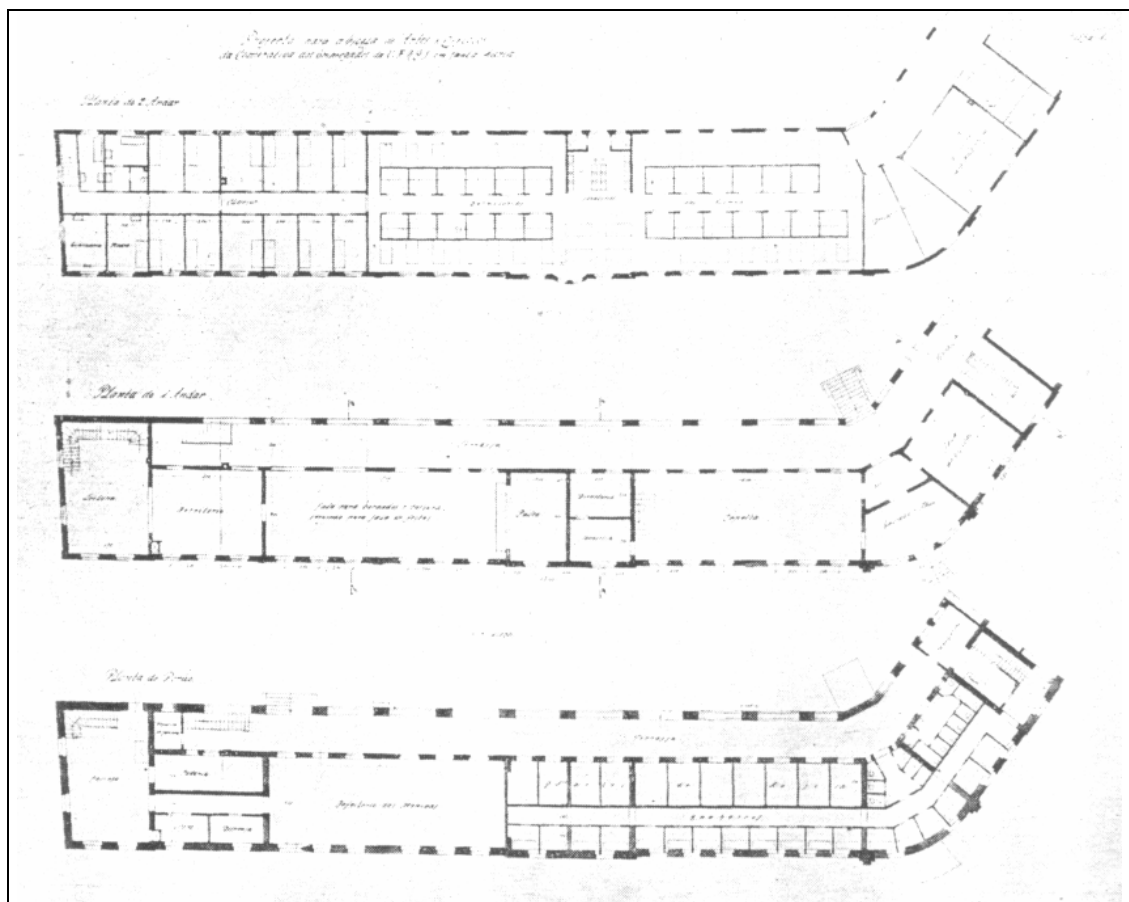


FIGURA 09 – Planta da escola feminina, com três andares (Relatório da Cooperativa de Consumo dos Empregados da Viação Férrea do Rio Grande do Sul, 1926).

A edificação traduz monumentalismo para a época, com suas fileiras de janelas e frisos, que agregam muro e grades com detalhes de flores, tudo isso inspirado na *Art Nouveau*. Percebe-se que:

A escola delimita espaços. Servindo-se de símbolos e códigos, ela afirma o que cada um pode (ou não pode) fazer, ela separa e institui. Informa o “lugar” dos pequenos e dos grandes, dos meninos e das meninas (Louro, 1997, p. 58).



Segundo Oliveira (1994), a fachada do Colégio Santa Teresinha, hoje, Colégio de Ensino Médio Manuel Ribas (Maneco), possui também elementos neoclássicos nos frisos e nos relevos sobre as janelas, e ainda na separação dos andares. As janelas do telhado, chamadas mansardas, são elementos originários da arquitetura renascentista européia, assim como o muro com balaústres voltados para a parte interna do Colégio.

Outro ponto a ressaltar sobre a edificação, é a mudança em relação a planta original da obra. Na parte frontal, existia um jardim externo, que se situava entre o muro e o corpo da construção. Ali, nos diz Oliveira (1994), que haviam luminárias em ferro fundido, com formas que se aproximavam ao estilo da *Art Nouveau*. Elas foram fabricadas pelos alunos da Escola de Artes e Ofícios, seção masculina, que também fabricavam outros objetos que ornamentavam a escola feminina.

Da construção original, muitos elementos ainda estão preservados, embora uma mudança significativa tenha sido feita na entrada principal, pois foi construída uma rampa da porta até a calçada. Na planta, a entrada ocorria por portões laterais que facilitavam o acesso ao jardim e, depois, à porta do prédio.

O ano de 1930 chegara e, com ele, a inauguração do edifício da Escola de Artes e Ofícios seção feminina, na data de 14 de maio de 1930, dotado de todo o aparato estrutural para a educação das meninas. Deste modo,

O edifício escolar está completo, estando tudo de forma que a criança tenha a salutar impressão de que a escola é o prosseguimento do lar, sendo tratada com o mesmo amor e mesmo carinho (Relatório da Cooperativa de Consumo dos Empregados da Viação Férrea do Rio Grande do Sul, 1931, p. 20).

Acompanhada de formalidades, a inauguração do prédio teve, inicialmente, um ato religioso com missa solene, tendo a participação do coro dirigido pelos Irmãos Maristas. Logo em seguida, foi feito um discurso pelo diretor da Escola de Artes e Ofícios seção masculina, Irmão Thomaz que exaltou:

Os merecimentos da Cooperativa, por tão proveitosa instituição de ensino, exaltando os ensinamentos Cristãos que eram pregados e executados com plena convicção levando à escola a prosperidade (Relatório da Cooperativa de Consumo dos Empregados da Viação Férrea, 1931, p. 15).

A Escola de Artes e Ofícios seção feminina, recebeu o nome de Escola Santa Teresinha do Menino Jesus, ficando sob a administração das Irmãs Franciscanas até o ano de 1942. Até este ano, haviam estudado na Escola 11.297 moças de várias regiões do Estado. O ano de 1943 foi marcado pelo convênio através do qual a Escola Santa Teresinha passou a ser responsabilidade do governo do Estado, transformou-se, em 1945, em Escola Artesanal Dr. Cilon Rosa e permaneceu no prédio até 1965.



FIGURA 10 – Prédio atual do Colégio Estadual de Ensino Médio Manuel Ribas (Vierio, L. M. D. Atlas municipal geográfico de Santa Maria, 2003, p. 21).

O prédio mostrado na Figura 10, atualmente conservado, foi tombado pelo Patrimônio Histórico na gestão do governador do Estado do Rio Grande do Sul, Antônio Britto, em 1993.

### **3.3 A administração da Escola de Artes e Ofícios Santa Teresinha**

Com o desenvolvimento do comércio, da indústria, e com o crescimento da população, o ensino particular foi incrementado surgindo o Colégio Santa Maria (1905), dirigido pelos Irmãos Marista, o Colégio Sant'Anna (1904), dirigido pelas Irmãs Franciscanas, ambos ligadas a religião católica, e o Colégio Centenário (1922), dirigido pela Igreja Metodista Brasileira, devido a religiosidade da comunidade santa-mariense, a coordenação da escola feminina ficou a cargo das Irmãs Franciscanas e da escola masculina, para os Irmãos Maristas.

As primeiras Irmãs Franciscanas chegaram ao Brasil em 1892, sendo um grupo de missionárias liderado pela Madre Ana Moller, e dedicaram-se à saúde e à educação, fundando colégios, hospitais e sanatórios. Em 1903, o governo brasileiro concedeu o status de entidade jurídica às Irmãs Franciscanas sob o nome de “Sociedade Caritativa e Literária São Francisco de Assis”.

Neste mesmo ano, as franciscanas, como nos apresenta Flesch (1993), assumiram o cuidado dos doentes da cidade de Santa Maria, o que levou os habitantes a aspirarem uma escola feminina que também ficaria sob a direção das irmãs. Contudo, por falta de irmãs que pudessem liderar a fundação da escola, somente mais tarde, em 1905, seis irmãs foram destinadas à nova comunidade. A escola foi colocada sob a proteção de

Sant'Anna e, em meados de 1908, foi feita a mudança para o novo prédio. Nela, além do ensino religioso e das matérias como português, aritmética e leitura, era oferecido às alunas a música, pintura, desenho, bordado e costura. Porque, segundo a pedagogia das franciscanas, a educação feminina deveria espelhar-se na seguinte imagem, segundo os conselhos da Madre Laeta:

A mulher deve ser culta, habilidosa nas artes do lar, de fina educação, adornada de virtudes e profundamente religiosa.[...] Não negligenciem as aulas de trabalhos manuais, seguindo os ditames da hodierna supervalorização das matérias científicas. Os trabalhos manuais convêm a cada mulher. Para umas são necessários; para outras, agradáveis; para todas um dever (Flesch, 1993, p. 179).

Nota-se, que a filosofia franciscana, primava no início do século XX pela construção de uma identidade feminina religiosa, educada e que soubesse desenvolver os trabalhos manuais.

Verificamos que em 1923, a Cooperativa de Consumo dos Empregados da Viação Férrea do Rio Grande do Sul, confiaram às Irmãs Franciscanas a organização de sua escola feminina, como nos apresenta a colaboradora Azaléia,

Inicialmente as irmãs saíam do Colégio Sant'Anna para ministrar as aulas no Colégio Santa Teresinha, mais tarde elas formaram um grupo que morava no Colégio, então passaram a pertencer a ele. A educação que as irmãs davam era a mesma tanto no Sant'Anna quanto no Santa Teresinha. A administração do Colégio dos ferroviários era feito pelas irmãs

franciscanas porque elas foram as pioneiras aqui na cidade. Chegaram a montar uma comunidade na escola dos ferroviários tamanha era procura. Mais tarde, quando o Colégio passou para o Estado as irmãs entregaram a administração (Trecho da entrevista de Azaléia, 2003).

Na Escola Santa Teresinha, as alunas recebiam a formação religiosa e a instrução através do currículo que era o mesmo aplicado no Colégio Sant'Anna pelas Irmãs Franciscanas, bem como os ofícios de corte, costura, arte culinária e música, muito embora na escola dos cooperativados, alguns ofícios, eram ministrados por leigas, que se dispunham a ensinar, isto porque, as franciscanas aceitavam colaboradoras leigas em suas obras, assim,

Aos poucos, o número de leigas docentes foi crescendo nas escolas franciscanas. Havia entretanto, uma particularidade: as professoras deveriam ser solteiras. Esse costume - então aceito com relativa naturalidade conforme a filosofia de que a jovem casada devia dedicar-se exclusivamente ao lar – fora uma herança do sistema educacional outrora vigente na Alemanha e de lá trazido pelas missionárias (Flesch, 1993, p. 181).

A organização pedagógica da Escola Santa Teresinha esteve a cargo das Irmãs Franciscanas, tendo por base os Liceus Franceses, modelo já institucionalizado na Europa e organizado por irmãs, e com grande êxito. O modelo dos Liceus fora utilizado porque atendia aos interesses do modelo positivista, que buscava a ordenação social delimitando, dentro da sociedade no início do século XX, os papéis sociais; o que era um dos desejos desde a fundação da escola feminina pela Diretoria da Cooperativa

de Consumo dos Empregados da Viação Férrea do Rio Grande do Sul.

Assim, se estabelece uma íntima ligação entre educação feminina e a Igreja católica, à medida que, no início do século XX, duas orientações se conflitavam em termos de educação que, conforme Ribeiro (2001), uma delas já era tradicional, a representada pelos educadores católicos que defendiam a educação subordinada à doutrina religiosa, porém separadas pelas diferenças entre os sexos masculino e feminino. Já, a outra orientação foi influenciada pelas “idéias novas”, e que defendiam a laicidade, a co-educação, a gratuidade e a responsabilidade pública educacional.

Também salienta-se a posição dos educadores católicos em relação ao comunismo que, segundo eles, os educadores escolanovistas também o defendiam, assim as forças mais conservadoras, faziam uso do medo do comunismo entre os setores sociais do período.

Torna-se perceptível que os educadores católicos, com atitudes deste tipo, representam, nesse momento, os interesses dominantes que produzem as diferenças em termos de educação à medida que não aceitam qualquer mudança, atribuindo-as ao mal, aqui definido como comunismo, que servia de vilão e aterrorizava a sociedade da época.

Não foi encontrado nos relatórios analisados da Cooperativa dos Empregados da Viação Férrea do Rio Grande do Sul, o porquê da escolha do nome da escola estar ligada à Santa Teresinha, mas entre as colaboradoras, esse porquê pode ser devido ao fato da forte presença da Igreja Católica na cidade de Santa Maria no início do século XX. Isso, simbolicamente, nos remete a esse entendimento, tendo em vista que a Santa era um símbolo de virtude e de honestidade, portanto um exemplo a ser seguido pelas moças que eram confiadas a um modelo educacional que

primava pela formação de um modelo de mulher.

A escola é uma consequência da vida urbana, em decorrência desse novo modelo, e de estar vinculada ao desenvolvimento da ferrovia no Rio Grande do Sul. É importante lembrar que os edifícios construídos para as escolas, refletiram a metamorfose da vida política, econômica e social do início do século XX, conforme Moraes,

As escolas isoladas, classificadas segundo o local onde eram instaladas – zonas rurais, distritais e urbanas – ofereciam cursos diurnos e noturnos e funcionavam em bairros operários, nas proximidades das fábricas [...] atendendo basicamente à população trabalhadora. Nessas instituições, a organização do ensino diferenciava-se de acordo com a população que visava atingir: operário ou colonos, nacionais ou imigrantes (2002, p. 6).

O pensamento de muitos republicanos brasileiros estava centrado para o despertar da civilidade, que era visto através da abertura de escolas que vislumbrassem uma educação estética, e segundo Veiga (2000), que envolvesse habilidades manuais, a educação das mulheres para o lar, o contato com a literatura, os cantos, a dança; muito presentes no cotidiano das festas escolares, nas comemorações sociais, bem como no estilo neoclássico das grandes edificações e construções de prédios escolares.

O interesse por construir escolas tanto femininas quanto masculinas para os filhos dos operários da Viação Férrea do Rio Grande do Sul, não foi um fato isolado. Percebe-se que, em várias regiões do Brasil seguiam esses padrões, como é o caso de São Paulo que, através de um decreto n.º. 2118-B, regulamentou o ensino profissional tanto para meninos quanto para

meninas, no bairro do Bráz, ou seja, um bairro que era reduto de trabalhadores (Moraes, 2002).

Constata-se que desde o final do século XIX, o aparecimento do ensino de nível secundário, era resultado da iniciativa particular, isto porque a maioria das meninas eram analfabetas, sendo que uma pequena parcela delas, recebia a educação conforme no diz Ribeiro (2001), a educação das meninas era feita pelos pais e preceptores, limitando-se, entretanto, às primeiras letras e ao aprendizado das prendas domésticas e de boas maneiras.

Por isso, a Escola feminina, atendendo aos interesses da classe proletária/ferroviária, manteria a ordenação social, muito embora o modelo efetivado em Santa Maria, fosse uma cópia de modelos europeus, não sendo levado em consideração a realidade local, e portanto, organizado apenas pequenas adaptações. A influência positivista torna-se marcante no que se refere à educação nacional, em decorrência das transformações políticas na passagem de uma sociedade rural para uma sociedade urbana.



## CAPÍTULO IV

### A EDUCAÇÃO NA ESCOLA DE ARTES E OFÍCIOS SANTA TERESINHA

#### 4.1 A educação e o positivismo

Augusto Comte (1798-1857), foi o fundador do Positivismo, e em um país com uma economia industrial mais avançada, a França. Elaborou um projeto pedagógico, voltado para pedagogia como ciência, segundo afirma Cambi (1999), que volta-se para uma redefinição dos currículos formativos, colocando em seu centro a ciência, vista como conhecimento típico e central do mundo moderno baseado na indústria, e com um feixe de disciplinas altamente formativas, abordando o campo intelectual e o do caráter.

O sistema educacional de Comte repousa sobre três princípios: a lei dos três estados; a classificação das ciências e a religião da humanidade. Segundo Comte, a humanidade passaria por três estados sucessivos: o *estado teológico*, durante o qual o homem explicava os fenômenos por intervenção de um agente sobrenatural; o *estado metafísico* no qual o homem explica o universo por entidades abstratas, e o *estado positivo* em que os fenômenos se explicam por seu encadeamento.

Com a proclamação da República, rompe-se a estreita relação entre o poder eclesiástico e o laico, tornando-os distintos a partir da nova ordem vigente, estando estabelecido novas leis na constituição de 1891. No Estado

do Rio Grande do Sul, o Positivismo Comteano fora adaptado por Júlio de Castilhos, desenvolvendo-se mais fortemente e diferenciado do restante do país, onde a própria constituição Estadual absorvia esse novo tempo.

À primeira vista, a Doutrina Positivista e a Igreja Católica opunham-se frontalmente, tendo em vista a primeira possuir suas bases em um discurso científico, enquanto a Igreja tinha por base fundamentações teológicas Ismério (1995). Entretanto, estavam ligadas por questões relacionadas à família, a propriedade e a moral, porque ambas tinham um discurso semelhante, portanto a sociedade deveria estar baseada na moral autoritária transmitida através da educação familiar e complementada na escola.

Tanto numa como na outra, a mulher era considerada a guardiã da moral e do culto religioso, e essa base educacional estava voltada para torná-la esposa, mãe e educadora dos filhos. Portanto, essa era a forma usada para excluí-la do campo profissional, enclausurando, a maioria delas dentro de casa. Daí a necessidade de fundar escolas femininas para aplicar esses modelos, como podemos constatar abaixo em uma Conferência Positivista,

E agóra vedes o absurdo das escólas mistas; não se pode ensinar ao mesmo tempo mulhéres e hômens, meninas e meninos. Aprender é inventar; ensinar é pôr o cérebro de quem ouve, de quem aprende, nas condições de fazer descubertas. Por isso não há régras invariáveis para ensinar a todo mundo; cada cazo é um cazo particular, a verdadeira méstra é a Mãi. A escola teria de durar, digamos mais de doze anos [...] o tempo preciso para que todas as mulhéres pudéssem aprender, de módo a ezercêrem sua função de Mãis de família, de formadoras do hômem, em vês de vírem fazer

concorrência ao homem, isto é, propor-se a fazer coisas que o homem póde fazer, e que, quando o homem não quér realizar, os patrões e os governos mândão a Mulher (Mendes, 1908, p. 45).

No relato acima, torna-se evidente a preocupação em manter as mulheres no início do século XX fora do mercado de trabalho, voltadas, somente, para o ambiente familiar e exercendo apenas funções femininas.

Ainda nesta conferência, Mendes afirma que:

Sob o ponto de vista intelectual, portanto, verificamos que a Mulher e o homem são dois entes complementares; e o contraste consiste em que a inteligência feminina é mais apta para estudar os fenômenos morais, e o homem tem a faculdade mais desenvolvida para o estudo da natureza inorgânica. Aí a superioridade do homem, é incontestável basta olhar para a organização muscular dele (1908, p. 46).

Observa-se que a educação feminina deveria estar voltada para uma educação moral que desenvolvesse habilidades em que a menina pudesse aplicar no seu casamento, que era considerado tanto pela Igreja Católica quanto pelos positivistas, como indissolúvel.

Dentro da concepção positivista, a mulher deveria ficar isenta de todo trabalho fora do lar, sendo considerada “sexo afetivo”, base da moral, a mulher se encontraria em melhores condições para conciliar a ordem com o progresso, por isso a necessidade de sua exclusão da política e da vida econômica.

As idéias positivistas de Augusto Comte estavam citadas como referências nos Relatórios da Cooperativa da Viação Férrea do Rio Grande do Sul, onde se difundia os ideais cooperativistas e educacionais, pois os

mesmos eram distribuídos entre os cooperativados, além de serem lidos durante as reuniões de aprovação do Relatório Anual.

O que observa-se é que a educação e a moral deveriam estar subordinadas aos interesses da produção capitalista, eliminando os possíveis conflitos entre capital e trabalho (Pesavento, 1988). Nota-se que o PRR, Partido Republicano Riograndense, se estrutura em um momento histórico no Estado do Rio Grande do Sul, correspondendo a uma situação de transição agropastorial para uma urbano-industrial. Sendo, ao mesmo tempo, um projeto econômico, social e político onde se arregimenta parte dos pecuaristas, mas também com os novos setores emergentes, frutos do processo de industrialização.

#### **4.2 Educação para moças: lembranças de quem estudou na Escola de Artes e Ofícios Santa Teresinha**

A Educação feminina, ao longo dos tempos, fez parte do contexto histórico da humanidade (Aranha, 1989). Em várias fases, tal educação refletiu os interesses da sociedade. Nesse refletir, enquadra-se a Escola de Artes e Ofícios Santa Teresinha.

No período pós-revolução industrial, houve significativas mudanças nas relações de produção e, conseqüentemente, surgiram novos empreendimentos, como por exemplo, a construção de estradas e de ferrovias, entre outras. Muda-se a concepção econômica, política e social de vida (Lopez, 1980), onde o século XIX representou a consolidação do capitalismo e da classe burguesa, bem como o surgimento do proletariado.

No Brasil, após a proclamação da República (1889), há a necessidade de adequar uma educação feminina para compor uma sociedade estável, em

que cada um soubesse do seu papel, atendendo, portanto, aos interesses da época. Com os republicanos no poder, passou a ser defendida uma educação universal, tendo como bandeira o combate ao analfabetismo, que era fator preponderante.

Nesse contexto, está inserida a educação para as moças da Escola de Artes e Ofícios Santa Teresinha, que atendia aos interesses de uma classe social, ou seja, daquela que havia ascendido com a construção da ferrovia e com as instalações da Viação Férrea, dando “status” a classe ferroviária, fazendo com que os ensinamentos aprendidos nessa Escola se expandisse por todas as regiões por onde passavam os trilhos férreos.

Como a Escola estava ligada à religião Católica devido a sua administração e suas professoras serem, as Irmãs Franciscanas, na grande maioria, foi criado um notório simbolismo em torno da imagem de Santa Teresinha, tendo em vista que, no início do século XX, o Papa Pio XI a canonizou, dizendo ser ela a estrela de seu pontificado e, em 1927, foi proclamada a padroeira das missões, por desejar ser uma missionária carmelita, mas devido a sua curta existência, falecendo de tuberculose, não conseguiu realizar seu sonho.

Santa Teresinha, cujo nome era Teresa, nasceu em Alençon na França, em 02 de janeiro de 1873 e morreu com 24 anos no dia 30 de setembro de 1897. Aos 14 anos, desejava abraçar a vida religiosa no Carmelo de Lisieux, mas foi impedida devido a sua pouca idade. Durante uma peregrinação pela Itália, o Papa Leão XIII, concede uma audiência aos fiéis da diocese a qual Teresa fazia parte, e ela, nessa ocasião, dirigiu-se a ele, e pede-lhe permissão para ingressar no convento. O papa concede-lhe e foi assim, que com apenas 15 anos de idade, entrou para o convento de Lisieux.

Conforme Maester (1997), Santa Teresinha é vista por muitas pessoas como um espelho, porque a sua própria vida foi feita de pequenos gestos, de luzes e sombras, de cruces e alegrias. O seu sorriso cheio de paz, a sua adolescência povoada de sonhos e os seus gestos repletos de delicadeza feminina, faz com que se aproxime cada vez mais, de todas as mulheres.

Podemos perceber que os ideais que compunham a vida de Santa Teresinha estavam presentes no modelo de educação das meninas, sendo assim,

O nome da escola acredito que era por causa dela ser considerada um exemplo pra gente, exemplo de honestidade, virtude, e era tudo o que uma moça deveria ser, principalmente obediente e prestativa como Santa Teresinha foi durante a sua vida. Os nossos gestos deveriam ser delicados, próprios da mulher que era o ideal de Santa Teresinha, porque ela morreu de tuberculose, mas nunca abandonou o espírito solidário e de simplicidade. Sempre nos falavam sobre ela nas aulas de religião, tinha retratos dela pelo colégio. A gente sabia quem ela era... (pausa). As irmãs falavam (Trecho da entrevista de Margarida, 2003).

Eu acho que é porque a Santa Teresinha estava muito ligada a Maria, aos ensinamentos marianos, por isso era um exemplo pra nós que estudamos naquele colégio. Era um modelo de mãe e nos mostrava o caminho correto que deveria ser seguido. A vida dela também teve dificuldades como nossa vida também tem. Ela superou os problemas por isso agente também pode superar os problemas. Com certeza ela foi um exemplo. Tu não vai acreditar mas eu tenho um folheto da Santa Teresinha (Anexo D), vou te dar para te dar sorte e proteção (risos) (Trecho da entrevista de Orquídea, 2003).

Também constata-se que a religiosidade em torno da Santa Teresinha perdura até hoje, bem como a relação de boa mãe/esposa está ligada ao sexo feminino, como foi apresentado pelas colaboradoras Margarida e Rosa.

A Escola recebia, exclusivamente, alunas filhas de ferroviários das mais diversas cidades do Rio Grande do Sul (Anexo E), o que proporcionou uma expansão mais ampla de idéias modelares de educação feminina. Como podemos perceber abaixo:

Nas nossas turmas, tinha meninas de várias localidades do Estado, todas eram filhas de funcionários. Os pais vinham visitar uma vez por mês, ou de quinze em quinze dias. Elas eram internas. Então os pais passavam o domingo com elas, iam passear ou almoçar fora, depois os pais iam embora e elas ficavam (Trecho da entrevista de Rosa, 2003).

De acordo com Carvalho (1990), Comte atribuía à mulher, o papel tradicional de mãe e esposa, de guardiã do lar, pois assim a mulher garantia a reprodução da espécie e a saúde moral da humanidade, e por isso a política era tarefa dos homens. As idéias modelares positivistas de Augusto Comte influenciaram, de maneira muito abrangente, vários segmentos da sociedade brasileira e, em especial, o Estado do Rio Grande do Sul.

Augusto Comte acreditava na existência do método científico para explicar a sociedade, e através da ciência mostrava as leis de funcionamento da mesma, assim, poder-se-ia enfrentar os problemas do mundo moderno. Suas idéias deram origem a sociologia (Sell, 2001, p. 33).

O Positivismo visava à formação do trabalhador para ser mão-de-obra qualificada na indústria e/ou comércio, com fortes características nacionalistas e patrióticas.

Assim a doutrina positivista instituiu normas e destinos sociais para as mulheres “sérias e direitas”, determinando o que era certo e o que era errado em termos de comportamento feminino, e influenciando de tal forma a sociedade que, estas idéias modelares, as quais a mulher deveria ser preparada desde muito cedo para ser boa mãe e boa esposa foram, aceitas sem grandes contestações.

Como uma forma de divulgar este modelo de educação, a cooperativa utilizava-se dos próprios relatórios anuais da Instituição como instrumento de divulgação e afirmação das idéias e comportamentos corretos para as mulheres, como podemos constatar abaixo:

Fizemos distribuir entre os consórcios, devidamente impressas, como brinde de Natal de 1922, as esplêndidas Conferências realizadas na capital paulista pelo eminente professor SNR. Aprígio Gonzaga, Director da Escola Profissional masculina de São Paulo e abnegado paladino do ensino profissional. Neste trabalho, o educacionista expõe, magistralmente, as suas idéias sobre educação profissional e são profusos os ensinamentos morais que se deve a mulher, tal qual o methodo que vem sendo seguido na escola feminina de São Paulo. Resolvemos adaptar as idéias e ensinamentos do ilustre professor e aplicá-los no curso complementar feminino (Relatório da Cooperativa de Consumo dos Empregados da Viação Férrea do Rio Grande do Sul, 1923, p. 6).

Quanto à influência do Positivismo em relação à educação das mulheres (Carvalho, 1990), salienta que, dentro dessa concepção, o espaço da mulher ficava restrito à casa, onde devia se dedicar exclusivamente ao trabalho doméstico e à educação dos filhos, enquanto a obrigação de



sustentar a casa, caberia ao marido e, assim, a sociedade estava ordenada.

A Educação na Escola Feminina de Artes e Ofícios Santa Teresinha, primava por isso, pelo currículo oferecido (moral, gramática, religião...), pelo contexto e pelas práticas educativas que se desenvolviam nessa instituição (Anexo F).

Torna-se perceptível que as práticas educativas estavam voltadas para compor este modelo, o qual servia de referência até mesmo para as meninas que não conseguiam estudar na Escola Santa Teresinha.

A gente aprendia muita coisa. Uma das coisas que elas ensinavam (as irmãs franciscanas), elas eram meticulosas, assim de ensinar, de ensinar a educação, era não arrastar a cadeira da classe, não pegar a cadeira e puxar. Tinha que pegar a cadeira sem fazer ruídos, delicadamente (ela se levanta e demonstra). Elas diziam que as moças deveriam aprender desde cedo para arrumar a sua própria casa depois que casassem. Isto era motivo de orgulho, porque muitas meninas queriam estudar lá, mas só podia quem era filha de funcionário da Viação (Trecho da entrevista de Rosa, 2003).

O sacrifício da mulher por sua família, pela sua casa e pelo seu marido foi intensamente valorizado nos livros e nos textos positivistas, como também seu comportamento, o qual deveria ser voltado para a delicadeza nos gestos e nas ações, passando, despercebidamente, qualquer situação constrangedora, como a traição e as grosserias do marido. Conforme Ismério,

Pureza quer dizer menos energia no egoísmo: a mulher é mais sábia que o homem, o instinto sexual da mulher pode se dizer que não existe quase de ordinário; a mulher se presta, sacrifica-se às grosserias do homem,

mas é fundamentalmente pura, a pureza quase não custa esforço à mulher (1995, p. 29).

Percebe-se que o Positivismo foi marcante na sociedade brasileira, a tal ponto que a educação das mulheres estava legitimada através de dogmas e de simbologias, os quais vislumbravam uma moral conservadora. A mulher que trabalhava fora, era aquela que não havia conseguido um marido, ou seja, era a “solteirona”, era quem, na maioria das vezes, dedicava-se a ensinar os filhos dos outros, recebendo em troca reconhecimento social, tendo, muitas vezes, satisfação com isso.

Segundo Ismério (1995), algumas mulheres acreditavam nesse papel missionário de mãe/professora, pois compreendiam o mundo desta forma: "A nossa missão é preparar a criança para a vida, se tivermos habilidades para educar uma criança, seremos moral e intelectualmente perfeitas e teremos cumprido nosso destino" (p. 29).

A Educação feminina foi um instrumento que a República Velha (1889-1930) se utilizou para manter a ordem. Até onde se pode perceber, sempre que possível, houve a manipulação do imaginário da mulher, por meio de símbolos e signos, para implantar um discurso positivista e moralista na educação feminina no início do século passado. Como afirma Louro,

Através de seus quadros, crucifixos, santas ou esculturas, aponta aqueles/as que deverão ser modelos e permite, também que os sujeitos se reconheçam (ou não) nesses modelos. O prédio escolar informa a todos/as sua razão de existir. Suas marcas, seus símbolos e arranjos arquitetônicos fazem sentido, instituem múltiplos sentidos, constituem distintos sujeitos (1997, p. 58).

Para que os modelos de conduta chegassem a todas as mulheres, foi necessário manipular o imaginário popular por intermédio da educação escolar, da família e da Igreja. Conforme Sholl (1992), o imaginário social aparece como o local de expressão das expectativas da sociedade; sendo, portanto, uma das forças reguladoras da vida coletiva, e a escola é um exemplo disso.

Assim, a Viação Férrea do Rio Grande do Sul, ao estender este tipo de benefício as filhas e filhos de seus funcionários, tentou harmonizar as relações entre capital e trabalho, garantindo satisfação e, conseqüentemente, desenvolvimento na produção. Também investiam em habitação, como uma forma de manter atrelados a si seus funcionários, estimulando a constituição de um núcleo familiar estável.

Nota-se que, os símbolos foram muito usados para compor a ordem familiar e social no Brasil e, em especial, na cidade de Santa Maria. Eles indiciavam direitos e deveres a todas as classes sociais, modelando a sociedade para atender os interesses da elite, como mostra Swain, ao salientar a educação:

A educação das crianças espelha com nitidez o movimento deste imaginário instituinte, na precoce definição dos gêneros, em que brinquedos e atitudes são revestidos de todo um simbolismo dualístico, anunciando os papéis futuros, feminino/masculino (1992, p. 49).

Analisando o ano letivo de 1927, pode-se notar a complexidade que envolvia a escola feminina. Foram registradas as matrículas de 232 alunas; destas, 199 freqüentaram os Cursos Gerais, cursos que incluíam desde o

primário até o Curso Complementar, onde as alunas recebiam notas. Já, as outras 33 matriculadas dedicavam-se, exclusivamente, às Artes e Ofícios, nesses as meninas aprendiam, através de aulas, a bordar, costurar, tocar, cantar, fazer chapéus, arrumar uma mesa, estender a cama e cozinhar. Nos Cursos Gerais, a distribuição do currículo dava-se da seguinte forma:

1º Curso: 48 alunas (Moral, Leitura, Caligrafia e Aritmética),

2º Curso: 41 alunas (Moral, Leitura, Gramática, Caligrafia, Ortografia, Aritmética e Geografia),

3º Curso: 42 alunas (Moral, Leitura, Gramática, Aritmética, Geografia, História da Pátria, Ciência e Caligrafia),

4º Curso: 34 alunas (Moral, Português, Aritmética, Geografia, História da Pátria, Ciência e Caligrafia),

5º Curso: 19 alunas (Moral, Português, Aritmética, Geometria, Geografia, História da Pátria, Ciências e Caligrafia),

6º Curso: 12 alunas (Moral, Português, Aritmética, Geografia, História da Pátria, Ciências e Caligrafia),

7º Curso: 3 alunas (Moral, Português, Aritmética, Geometria, História da Pátria, Ciências e Caligrafia).

Nota-se que, na organização dos cursos, a Moral era contemplada como primeira disciplina, devido à importância que se dava a ela na época, e sua ligação com a religiosidade. Também as alunas são colocadas em ordem de classificação de acordo com suas notas (Anexo E), nos mais variados componentes pedagógicos, assim, quem tivesse o maior número de pontos ficaria em primeiro lugar e recebia homenagens e distinção.

O Curso Complementar funcionava desde 1927, mas somente em 15 de abril de 1934 foi reconhecido pelo Estado do Rio Grande do Sul, cuja

ocasião realizou-se uma cerimônia oficial na própria Escola de Artes e Ofícios Santa Teresinha. Como podemos comprovar através da imagem abaixo (Figura 11).

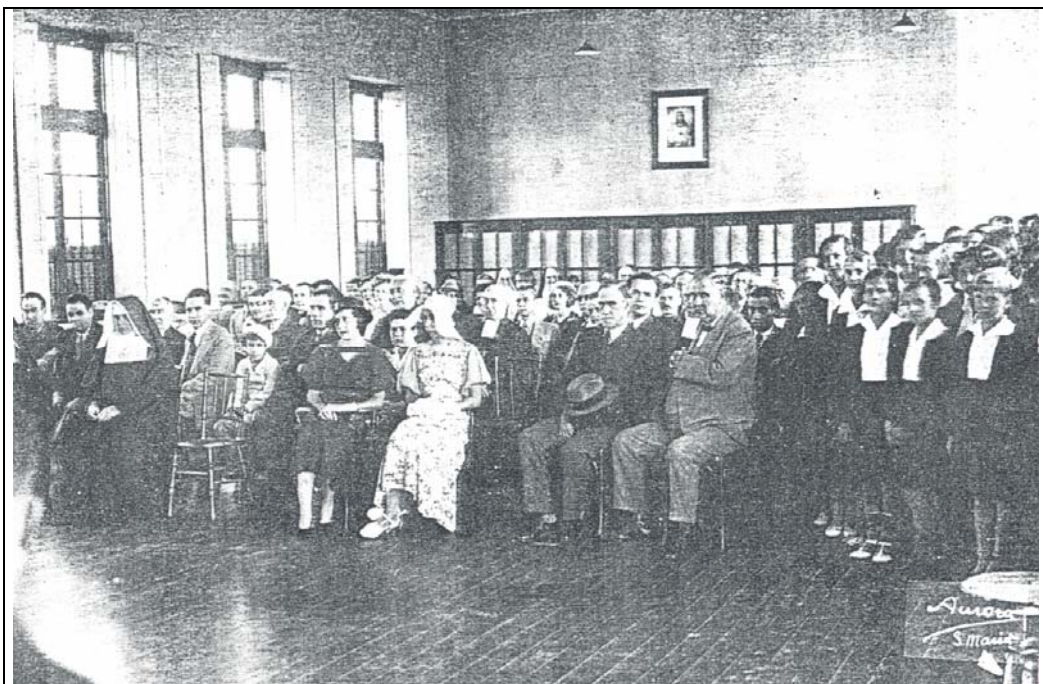


FIGURA 11 – Cerimônia de reconhecimento do ensino complementar pelo Estado/RS (Relatório da Cooperativa de Consumo dos Empregados da Viação Férrea do Rio Grande do Sul, 1935).

Segundo algumas colaboradoras, havia notas atribuídas para essas disciplinas, inclusive para o ensino religioso. Elas eram registradas em um cartão, em que estava explícita a distinção, portanto, identificava as melhores ou as piores alunas de longe. Como podemos observar, na entrevista da colaboradora a seguir:

A gente ganhava nota nesta matéria (religião) e entrava no cartão, tinha cartão vermelho, era as piores notas, se você chegava em casa com um cartão verde em casa já sabia que você tinha tirado o 1<sup>o</sup>, 2<sup>o</sup>

ou 3<sup>o</sup>, se tu tirou o cartão azul já se sabia que tinha tirado do 8<sup>o</sup> lugar para baixo, e se for o vermelho as tuas notas eram péssima (Trecho da entrevista de Violeta, 2003).

Também é importante salientar que, apesar de toda a estrutura pedagógica e social montada neste período histórico, pode-se perceber que algumas mulheres que estudaram na referida escola, aprenderam um ofício e passaram a lutar pela sua independência social, indo contra os preceitos da época. Pois se sabe que, a mulher deveria apenas ser boa mãe e, conseqüentemente, boa esposa.

Depois que tu se formava, a tua família comprava máquinas e iam aprender a costurar para fora, eu mesma não aprendi o corte costura no colégio [...] eu entrei noutra curso pra aprender corte costura, e tirei diploma (Trecho da entrevista de Rosa, 2003).

Apesar de haver esse empenho de saber um ofício e ajudar nas despesas, observa-se que o trabalho era feito em casa, ou dentro do ambiente familiar, desenvolvendo atividades tipicamente consideradas femininas e moralmente corretas, que foram aprendidas dentro do ambiente escolar. A Figura 12, demonstra uma aula de corte e costura onde as alunas estão ordenadamente uma atrás da outra, evidenciando uma organização.

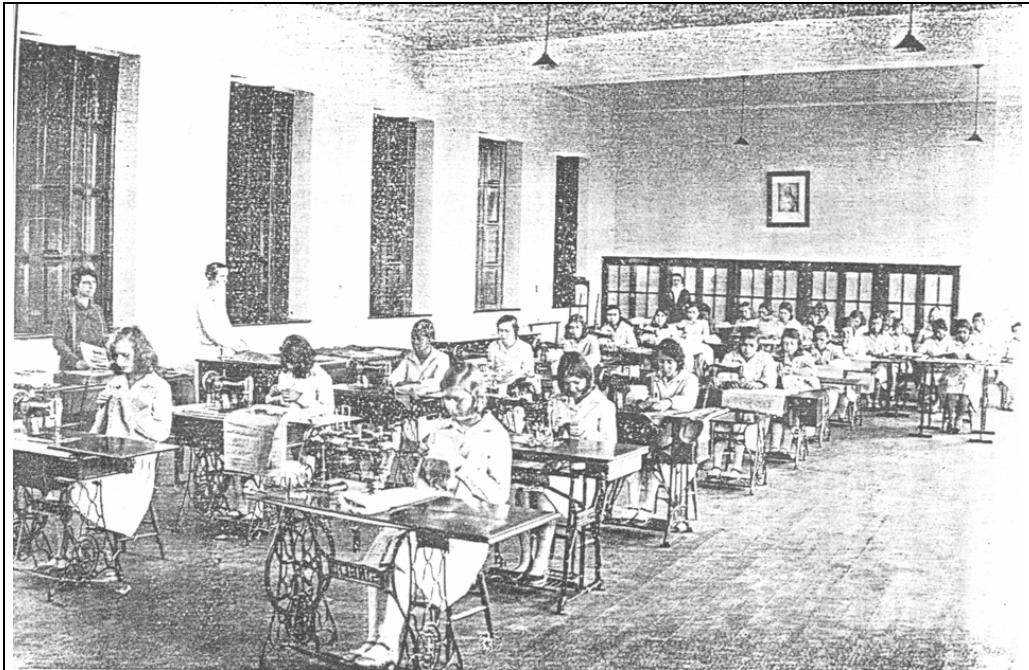


FIGURA 12 – Seção feminina: aula de costura e bordado/1929 (Relatório da Cooperativa de Consumo dos Empregados da Viação Férrea do Rio Grande do Sul, 1930).

Outra forma de entrar para o mercado de trabalho era freqüentar o Curso Complementar que a Escola Santa Teresinha oferecia, o qual habilitava as meninas para serem professoras. Essa atividade era legitimada como sendo um sacerdócio, ou ainda um prolongamento do lar, onde a mulher teria o dom de educar.

Na conclusão do Curso Complementar que habilitava as moças a exercerem o magistério, havia toda uma cerimônia que incluía convite de formatura (Anexo G), com o nome das formandas, o paraninfo, homenageados e oradora. A missa de ação de graças era realizada na Capela do Colégio, juntamente, com e a colação grau.

Analisando o convite de formatura do Curso Complementar do ano de 1938, percebe-se na parte superior do mesmo a seguinte frase: *“Dá-me a educação completa e integral e serei dona do porvir”*. Torna-se evidente os

propósitos das práticas educativas naquela instituição de ensino, onde torna-se objetivo a idealização de uma mulher responsável pelo futuro, que necessita de uma educação que contempla os aspectos intelectuais e os ofícios manuais.

E para conseguir ter reconhecimento social, a conduta feminina era intensamente observada, por isso, ser correta, significava ter uma postura que viesse ao encontro das normas estabelecidas, então era necessário muitas vezes punir, para que o erro não mais voltasse à tona. Atitude muito bem explicada por Foucault em seu trabalho *Vigiar e Punir* onde, "Encontrar para um crime o castigo que convém, é encontrar a desvantagem cuja idéia seja tal que torne definitivamente sem atração a idéia de uma delito" (1991, p. 94).

Ah! havia castigos sim, o mais comum era colocar a gente do lado de fora da porta, exposta, para que todos que passassem vissem que ali estava alguém que tinha cometido um erro, mas só as mais faladeiras, que não se comportavam iam pra fora (Trecho da entrevista de Violeta, 2003).

A situação descrita acima pela colaboradora Violeta, nos lembra como os positivistas interpretavam esta situação: "A educação deve culminar no campo moral, delineando-se como "hábito e obediência" pelo exemplo, além da apresentação pública do castigo e da recompensa, e das de lições de moral" (Cambi, 1999, p. 472).

Outra forma de manter o controle e a vigilância na escola de Artes e Ofícios Santa Teresinha, era através do uniforme escolar, o qual simbolicamente, era uma forma de controle, como podemos constatar abaixo:

Havia uniforme sim! e eles eram assim: se tu era interna, era um modelo, se tu era semi interna, era outro e havia um para as externas. De longe se podia ver pelas galerias



do colégio a qual ramo de ensino que tu pertencia. Isto facilitava o cuidado principalmente na hora do recreio, porque qualquer coisa era motivo para a gente ser chamada a atenção. Falaram que uma vez se descobriu quem atirou lixo no chão só pela cor do uniforme, eu não sei se isso é verdade, mas comentavam no colégio (Trecho da entrevista de Orquídea, 2003).

A organização da Escola Santa Teresinha e suas práticas educativas estavam sob a direção e organização das Irmãs Franciscanas, pois ao mesmo tempo que educavam, vigiavam os atos de suas alunas. O vigiar está, intrinsecamente, ligado ao ato de educar mentes e corpos para a formação de uma moça socialmente educada pois, segundo Foucault,

O controle disciplinar não consiste simplesmente em ensinar ou impor uma série de gestos definidos; impõe a melhor relação entre um gesto e a atitude global do corpo, que é a sua condição de eficácia e de rapidez. [...] Um corpo bem disciplinado forma o contexto de realização do mínimo gesto (1991, p. 138).

O ato de vigiar era bastante comum, enquanto prática pedagógica na Escola de Artes e Ofícios Santa Teresinha, pois volta-se a necessidade de controlar os mínimos gestos das alunas, vislumbrando uma educação voltada para o futuro, mais uma vez para ser boa mãe e boa esposa. Constata-se a seguir,

Tudo o que a gente fazia era observado pelas irmãs, a postura, o próprio cabelo deveria estar bem penteadinho, a roupa também demonstrando que a gente tinha higiene e responsabilidade. Ai de quem estivesse desarrumada, levava um sermão das irmãs, e dependesse do que era a gente ficava de castigo (Trecho da entrevista de Margarida, 2003).

Até mesmo nas aulas de artes, a vigilância era constante, como podemos observar, a seguir:

Quando tínhamos aulas de música ficávamos em uma sala grande, onde a porta tinha duas folhas e, em cada uma delas, um vidrinho. A gente chegava e já abria os livros, porque daqui um pouco uma das irmãs ficava de lá pra cá, daqui pra lá, só nos olhando e ai de quem não tivesse tocando (Trecho da entrevista de Rosa, 2003).

A imagem abaixo (Figura 13), reflete a narrativa da colaboradora Rosa na qual se percebe a organização e a disciplina nas aulas de música.



FIGURA 13 – Seção feminina: aula de música/1925 (Relatório da Cooperativa de Consumo dos Empregados da Viação Férrea do Rio Grande do Sul, 1926).

A disciplina também pode ser constatada a seguir:

Havia, na hora do recreio, uma irmã bem alta e magra, acho que o nome dela era irmã Laroque. Meu Deus, a gente podia estar brincando, se soltasse alguma coisa no chão ela ia até lá e apontava com o dedo. A gente ficava com medo! Mas ela não falava nada e quando falava a gente não entendia... acho que era francesa... (Trecho da entrevista de Violeta, 2003).

Na narrativa acima, a colaboradora Violeta, faz referência a uma irmã que fazia parte do corpo docente da Escola Santa Teresinha e que causava-lhe certa inquietação e temoridade, sendo que ela era percebida não por palavras, mas apenas por gestos.

Em 1930, foi inaugurado o internato na Escola e, como forma de controlar e vigiar as meninas, o lavatório e o dormitório eram coletivos (Figuras 14 e 15), o que demonstra que a privacidade era algo que não existia, e isso facilitava, por parte das Irmãs Franciscanas, o controle não só dos atos, mas também dos corpos, e até na hora de dormir.

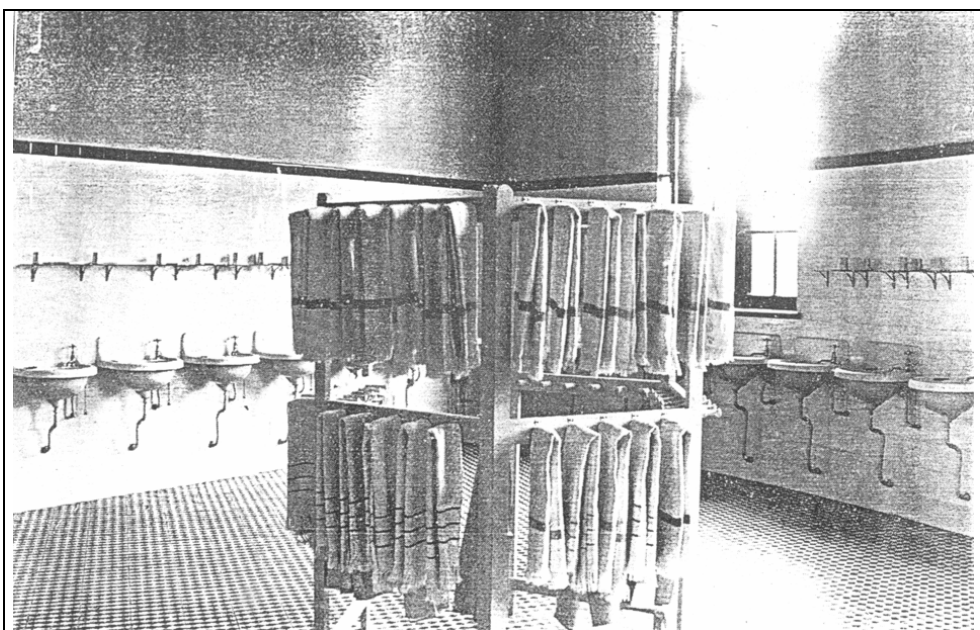


FIGURA 14 – Lavatório feminino/1925 (Relatório da Cooperativa de Consumo dos Empregados da Viação Férrea do Rio Grande do Sul, 1926).

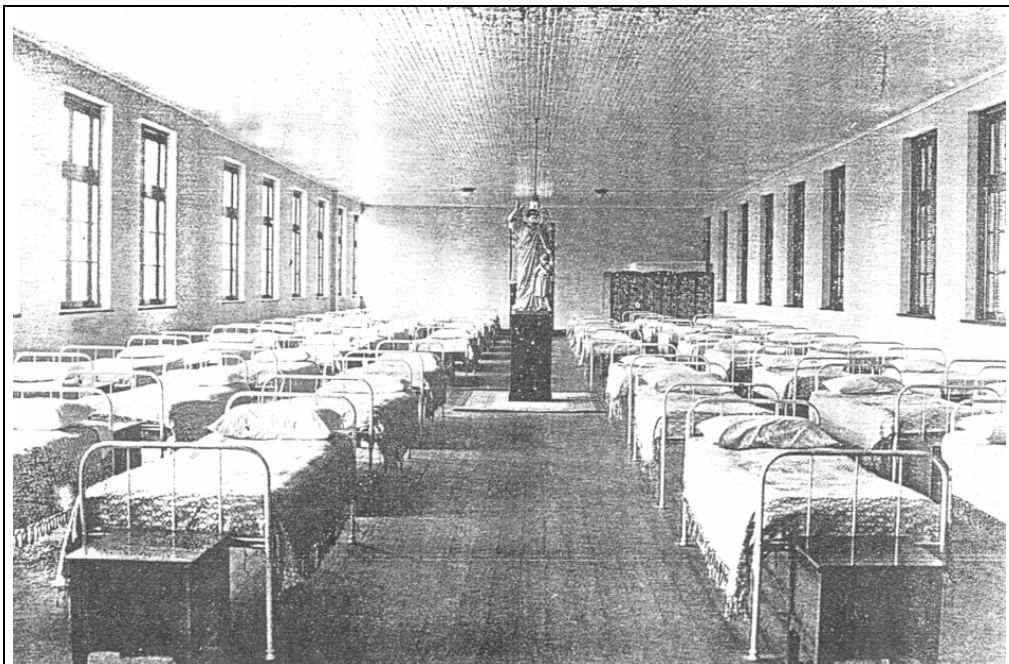


FIGURA 15 – Dormitório feminino/1929 (Relatório da Cooperativa de Consumo dos Empregados da Viação Férrea do Rio Grande do Sul, 1930).

Outro ponto a ressaltar, analisando as imagens já apresentadas nesse trabalho, é a organização onde tudo estava em seu devido lugar de forma muito semelhante a uma residência. O que nos leva a perceber que a Escola era tratada como um prolongamento do lar.

O dormitório era um amplo espaço ocupado pelas meninas internas, que também era objeto de observação e de desvelo por parte das Irmãs Franciscanas.

As irmãs nos ensinavam tudo, como se comportar na sociedade a educação. Tínhamos horário para tudo, pra rezar, fazer a oração, estudar, almoçar. Tudo acompanhado de muita atenção. Não se podia retrucar, ai de quem fizesse isso! Porque quem era mal educada ia ser uma senhora mau educada então a gente tinha que aprender, a sentar, a tocar. Na hora de dormir a gente fazia a oração e o silêncio tomava

conta do quarto. Depois disso não se podia fazer nenhum ruído. Até os pensamentos tinha que ser muito baixinho (risos) (Trecho da entrevista de Rosa, 2003).

Percebe-se que no centro do dormitório estava a figura de Nossa Senhora como símbolo de mãe, obediência e ternura, onde, todas as meninas que ali estavam, deveriam tê-la como exemplo. Como podemos observar na Figura 15 acima.

A organização deste modelo educacional criado para atender a uma camada considerada privilegiada e emergente da cidade de Santa Maria no início do século XX (ferroviários), e ligados à ferrovia, traz à tona o viés de que o ato de controlar e vigiar eram importantes para manter a ordenação social, assim conforme Foucault,

O exercício da disciplina supõe um dispositivo que obrigue pelo jogo do olhar; um aparelho onde as técnicas que permitem ver induzam a efeitos de poder, e onde em troca, os meios de coerção tornem claramente visíveis sobre quem se aplicam (1991, p. 153).

Observa-se que o vigiar e o controlar foi uma forma encontrada pelas Irmãs Franciscanas para manutenção da organização escolar, como podemos perceber, abaixo

A organização da Escola Santa Teresinha pelas Irmãs, era para que as moças tivessem uma boa educação, que soubessem como se apresentar e receber as pessoas. A educação também era religiosa para manter o equilíbrio entre a razão e a espiritualidade. A disciplina era algo importante para a manutenção da organização escolar,

porque a escola era grande, e deixasse cada uma fazer o que queria viraria bagunça. Então... tinha as regras de conduta, de comportamento que todas deveriam seguir, e que por estar ali, todas sabiam que deveriam seguir (Trecho da entrevista de Violeta, 2003).

Novamente, vem à tona que o ato de disciplinar era visto como algo fundamental para o bom desempenho futuro das meninas que estudavam na Escola Santa Teresinha, e que as práticas educativas tornavam-se válidas pois iam ao encontro dos interesses da sociedade da época.

Assim, foi dentro desse contexto, que surgiu a necessidade de criação de um internato que, no ano de 1926, foi inaugurado. Inicialmente, tendo 50 alunas matriculadas das mais variadas regiões do Estado por onde os trilhos da ferrovia passava. E é dessa forma que o Relatório da Cooperativa de Consumo dos Empregados da Viação Férrea do Rio Grande do Sul, expressa essa situação, conforme podemos analisar no Anexo E.

Para que o aprendizado na Escola fosse eficiente e despertasse ainda mais interesse entre as alunas, era organizado no final de cada ano letivo uma Exposição Escolar, tanto dos trabalhos realizados na Escola masculina (Figura 16) quanto feminina (Figura 17). Assim, os produtos eram expostos e comercializados, possibilitando a geração de renda para a escola, o que fazia com que os investimentos retornassem para a instituição. Esta prática de Exposições de produtos como vestidos, chapéus e flores era bastante comum nas escolas femininas, enquanto nas masculinas era exposto móveis, artefatos de tornearia, ferraria. Podemos comprovar a seguir:



FIGURA 16 – Exposição escolar feminina de 1926 (Relatório da Cooperativa de Consumo dos Empregados da Viação Férrea do Rio Grande do Sul, 1929).

Percebe-se que na exposição da Escola de Artes e Ofícios seção feminina foram expostos trabalhos tipicamente do sexo feminino e voltados para o lar, o que garantia a credibilidade de uma educação voltada para a formação de uma mulher moralmente educada.

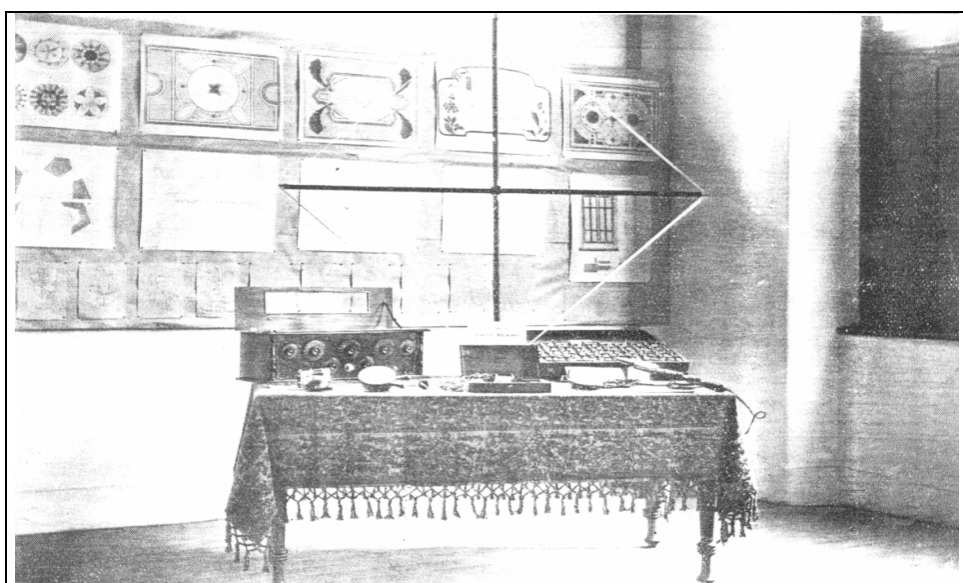


FIGURA 17 – Exposição escolar masculina de 1926 (Relatório da Cooperativa de Consumo dos Empregados da Viação Férrea do Rio Grande do Sul, 1927).

Ao analisar a exposição masculina, nota-se que o interesse em expor os trabalhos eram outros, pois buscava-se a credibilidade e o desejo de outros meninos incorporarem-se à escola futuramente, e se tornarem-se mão-de-obra especializada e qualificada para ser absorvida pela Viação Férrea. Visto que tanto a fundação da própria escola, como os prêmios e as viagens, tinham o propósito de beneficiar a própria Viação Férrea, mas tudo isso era visto pelos ferroviários, como um benefício. Esta situação era comum entre as fábricas no início do século XX que, segundo Pesavento (1988), a relação entre capital e trabalho dava-se da seguinte maneira:

Os benefícios sociais são, nesta medida, vistos como uma forma de harmonizar as relações entre o capital e o trabalho, ao mesmo tempo que tem função de garantir a continuidade da produção. Era com orgulho que a empresa acolhia os filhos dos empregados, dando serviço a mais de uma geração e premiando com um relógio de ouro o operário que completasse 25 anos de trabalho na fábrica (1988, p. 79).

O método de atrair investimentos através das exposições, dando visibilidade à escola e reconhecimento pelas suas práticas, também eram realizadas nas Escolas Profissionalizantes de São Paulo e Belo Horizonte; ligadas ou não à ferrovia, e tendo, portanto, os mesmos objetivos (Moraes, 2002).

As exposições das escolas da Cooperativa de Consumo dos Empregados da Viação Férrea do Rio Grande do Sul, em Santa Maria, duravam em torno de seis dias, e eram realizadas no prédio da Escola masculina, situado na Avenida Rio Branco, recebiam um grande número de pessoas das mais variadas classes sociais, como também do presidente do Estado, Getúlio Dorneles Vargas, no ano de 1925.



A dimensão pedagógica deste evento consistia, também, na entrega de prêmios para os melhores do ano na categoria feminina e masculina (Anexo H), que poderia ser medalhas, brindes de lojas da época que comercializavam com a Cooperativa da Viação Férrea, e até mesmo viagens de estudo para a Europa, onde “este momento era sempre bastante esperado pois ‘milhares de olhares’ procuravam, avidamente, os merecedores” (Veiga, 2000, p. 416).

Percebe-se que a organização e as práticas da Escola Santa Teresinha seguiam um paradigma de conduta, onde todas as meninas deveriam adotar o modelo de comportamento e de educação que lhes garantisse, segundo os padrões da época, um bom casamento e portanto, era necessário uma certa severidade no ato de educar. Assim, a escola,

É um dos caminhos da construção da hegemonia burguesa; com relação aos trabalhadores, implica fornece-lhes uma direção, uma pauta de valores e um código de atuação. Portanto, a educação se apresenta também como um esforço para manter e garantir uma situação de dominação (Pesavento, 1988, p. 57).

Escolas como a Santa Teresinha, no início do XX, tinham objetivos educacionais voltados somente para a educação de gênero, e essa era uma das formas encontradas para não desenvolver a concorrência com o homem em termos de trabalho sendo, portanto, um segundo lar, ou ainda, um prolongamento do lar. Sentiu-se a necessidade de colocar as crianças em algum lugar, percebe-se então um dos motivos da invenção da Escola e, conseqüentemente da feminização do magistério. Assim a sociedade estava ordenada.

## **CAPÍTULO V**

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A pesquisa intitulada “*A Educação Feminina: Escola de Artes e Ofícios Santa Teresinha no Município de Santa Maria/RS – Um Estudo de Caso*”, teve como objetivo investigar o processo histórico e pedagógico dessa instituição.

Buscou-se entender como um modelo educacional, inspirado nos liceus franceses e desenvolvido no início do século XX, serviu para atender aos anseios sociais dos ferroviários ligados à Cooperativa dos Empregados da Viação Férrea do Rio Grande do Sul. A Escola Santa Terezinha foi organizada pela congregação das Irmãs Franciscanas, que transmitiam além dos conhecimentos específicos, a religião e a moral.

Ao adentrar-se na construção desta pesquisa, percebe-se a importância da chegada da ferrovia à cidade de Santa Maria/RS. Com o advento dela, aconteceu a modificação urbana e a cultural, com um fervilhar de construções, aparatos para receber um número cada vez maior de pessoas que vinham à cidade em busca de trabalho e de uma vida melhor, trabalho que, direta ou indiretamente, estava sempre ligado à ferrovia.

A escolha da história oral, para compor este trabalho, não abarcou a pretensão de buscar e trazer à tona novas verdades, mas proporcionar a releitura de uma história da educação feminina, por meio do olhar e das vivências das mulheres que estudaram na referida instituição e receberam

uma educação considerada, na época, como privilegiada; já que, para estudar na escola, era necessário ser filha de funcionário da Viação Férrea.

Ao entrar em contato com os relatos de experiências das colaboradoras, que se dispuseram a relembrar suas trajetórias no âmbito educacional, percebe-se a importância das práticas educativas da Escola Santa Teresinha, no início do século XX. Tais práticas objetivavam moldar a figura feminina, para que fosse boa mãe e boa esposa. Aquele modelo de conduta ainda permanece em algumas famílias, estão muito presentes, como estão presentes a devoção e a admiração a própria Santa Teresinha, modelo de conduta e virtude a ser seguido.

Também constatou-se, por intermédio dos relatos, que tal educação delimitava os gestos e as ações, ou seja, o que podia ser feito ou não enquanto mulher. No entanto, propiciou a algumas mulheres o início de uma emancipação e de uma busca por um lugar diferente na sociedade. É pertinente salientar que o preconceito era grande, poucas eram as atividades que podiam ser exercidas pelas mulheres, legitimadas pela sociedade, no início do século XX. Cabe dizer que ser professora era um papel feminino, pois remetia à maternidade e à moral; portanto, era permitido.

No decorrer da pesquisa, foram utilizados recursos como a fotografia, os quais trouxeram à tona elementos que iam ao encontro dos depoimentos das colaboradoras. Assim, foi possível fazer um cruzamento de informações e propiciar novos questionamentos e reflexões sobre a educação feminina e sobre as práticas escolares na Escola de Artes e Ofícios Santa Teresinha. Convém também notar que as fotografias fazem parte de um contexto histórico, muitas vezes, elas servem para legitimar um modelo de conduta a ser seguido.

Utilizou-se os relatórios da Cooperativa da Viação Férrea do Rio Grande do Sul, o que possibilitou uma análise histórica do início do século XX, em Santa Maria, por intermédio do “olhar” de uma instituição que foi idealizada por Manuel Ribas. A Escola Santa Teresinha foi fruto dessa instituição, por meio dela, observou-se como a cooperativa entendia a educação, tratando diferentemente meninas e meninos; tornando claro, em seus relatórios, a função da escola masculina, que visava qualificar mão-de-obra para, mais tarde, trabalhar no quadro funcional da Viação Férrea. Já a escola feminina tinha outro propósito, também muito claro, ou seja, formar mulheres aptas a serem educadas, moral e religiosamente, para manter uma sociedade estável e equilibrada, para evitar uma competição com os homens.

O uso de várias fontes combinadas e agregadas contribuíram para uma releitura dos acontecimentos ligados à educação feminina. A partir delas, foi possível observar que as práticas educativas confirmavam a tentativa de manter um certo ordenamento natural da sociedade, com a finalidade de que cada um soubesse, exatamente, qual seu papel na sociedade; portanto, mantendo o equilíbrio entre os desejos do ferroviários e os da Viação Férrea.

Dentro desse contexto, nota-se a importância dada para uma escola feminina, que era um elemento significativamente primordial para manter o equilíbrio social, pois era pela educação, pelo uso de símbolos, de castigos, pela ordenação dos corpos, pela vigilância constante que se habilitava a menina para transformar-se em uma mulher pronta para educar os filhos, pronta para ser uma boa mãe.

A construção deste trabalho possibilitou o encontro com novos conhecimentos e destacou significados sobre a educação feminina, mas não se extinguiu, pelo contrário, abriu novas possibilidades de pesquisa, nesta vastidão em que se enquadra a história da educação feminina no Brasil.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAHÃO, M. H. M. **História e histórias de vida:** destacados educadores fazem a história da educação riograndense. Porto Alegre : EdPUCRS, 2001.

ALBUQUERQUE, Mário Marcondes de. **Manuel Ribas:** o mito que ficou. Governo do Estado do Paraná, 1992.

ANDRÉ, Marli. A pesquisa no cotidiano escolar. In: FAZENDA, Ivani. **Metodologia da pesquisa educacional.** 2. ed. Aumentada. São Paulo : Cortês, 1991. (Série 1 – Escola, 11).

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **História da educação.** São Paulo : Moderna, 1989.

BEBER, Cirilo Costa. **Santa Maria 200 Anos:** história da economia do Município. Santa Maria : Pallotti, 1998.

BELTRÃO, Romeu. **Cronologia histórica de Santa Maria e do extinto município de São Martinho (1787-1930).** 2. ed. Canoas : La Salle, 1979.

BORGES, Vavy Pacheco. **O que é história?** São Paulo : Brasiliense, 1993. Coleção primeiros Passos.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade:** lembranças de velhos. 2. ed. São Paulo : Quatro, 1987.

CAMBI, Franco. **História da pedagogia.** Tradução de Álvaro Lorencini. São PAULO : Editora UNESP, 1999. (Encyclopaedia).

CARVALHO, José Murilo de. **A formação das almas:** o imaginário da república no Brasil. São Paulo : Companhia das Letras, 1990. 166p.

CHARTIER, Roger. **A história cultural**. Entre práticas e representações. Lisboa : Difel,1990. APUD Escolas profissionais públicas do Estado de São Paulo : Uma História em Imagens (Álbum Fotográfico). (Org.). MORAES, Carmem Sylvia Vidigal and Alves, Júlia Falivene. Governo do Estado de São Paulo, 2002.

CHIZZOTTI, A. **A pesquisa em ciências sociais e humanas**. São Paulo : Cortez,1995.

CIAVATTA, Franco, Maria (Coord.). **O trabalho como fonte de pesquisa**. Memória, história e fotografia. Rio de Janeiro : Faculdade de Educação/UFF, 2002. (Mimeografado).

CORDOVA, Rogério de Andrade. **Imaginário social e educação**: criação e autonomia. EM ABERTO. Brasília, ano 14, n. 6, p. 24-45, jan./mar. 1994.

CORREA, Silvio Marcus de Souza. **Sexualidade e poder na Belle Époque de Porto Alegre**. Santa Cruz do Sul : Editora da UNISC, 1994.

CUNHA, Marion Machado. **A Identidade profissional e a preparação para o trabalho no centro de formação profissional de Santa Maria (RFFSA/SENAI) – 1973 A 1996**. 2001. Dissertação de Mestrado. Santa Maria, UFSM, 2001.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de. (Org.). **Arquivos, fontes e novas tecnologias**: questões para a história da educação. Campinas, São Paulo : Autores Associados; Bragança Paulista, SP: Universidade São Francisco, 2000. (Coleção Memória da Educação).

FELIX, Loiva Otero. **Coronelismo, borgismo e cooptação política**. 2. ed. Revisada e ampliada. Porto Alegre : Ed. UFRG, 1996.

FLESCH, Benícia. **Seguindo passo a passo, uma caminhada**: 1871-1951 história da congregação das irmãs franciscanas da penitência e caridade cristã no Brasil. Porto Alegre : Metrópole, 1993.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. 8. ed. Tradução de Ligia M. Pondré Vassallo. Rio de Janeiro : Vozes, 1991. 277p.

GASKELL, George. Pesquisas individuais grupais. In: **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Martin W. Bauer e George Gaskell (Editores). Tradução de Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2002. p. 64-89.

HARTUNG, Alcyr Peters. **O cooperativismo ao alcance de todos**. 2. ed. Florianópolis : Santa Catarina, 1996.

ISMÉRIO, Clarisse. **Mulher: a moral e o imaginário 1889-1930**. Porto Alegre : Ed. PUC-RS, 1995. (Coleção História 7).

LE GOFF, J. **História e memória**. 3. ed. Campinas : UNICAMP, 1994.

LOPEZ, Luiz Roberto. **História do Brasil contemporâneo**. Porto Alegre : Mercado Aberto, 1980. (Série Revisão, 3).

LORENZI, M.G.R. **História de vida: professores de história do Ensino Superior**, UFSM, 2000. (Dissertação de Mestrado).

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis, RJ : Vozes, 1997.

MAESTER, Conrad de. **As mãos vazias: Teresa de Lisieux**. São Paulo, 1997. (Tese de Doutorado).

MARCHIORI, José Newton Cardoso & NOAL, F. O. V. A. **Santa Maria: relatos e impressões de viagem**. Santa Maria : UFSM, 1997.

MEIHY, J. C. S. B. **Manual de história oral**. São Paulo : Loyola, 1996.

MENDES, R. T. **A mulher: sua preeminência social e moral, segundo os ensinamentos da verdadeira ciência positiva**. Rio de Janeiro, 1908.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento**. São Paulo/Rio de Janeiro: Hucitec/Abrasco, 1994.

MORAES, Carmem Sylvia. Album Fotográfico. **Escolas profissionais públicas do Estado de São Paulo: uma história em imagens**. (Org.). Carmem Sylvia Vidigal Moraes e Júlia Falivene Alves. São Paulo, 2002.



OLIVEIRA, Eliane Maria Machado. **Arte em Santa Maria: resgate e registro: arquitetura em Santa Maria.** UFSM, 1994, Departamento de Artes Visuais do Centro de Artes e Letras. (Relatório de Projeto).

PADOIN, Maria Medianeira. **O empresário comercial em Santa Maria/RS: uma análise histórica sobre a CACISM.** Curitiba, Paraná, 1992 (Dissertação de Mestrado).

PERELMUTTER, Daisy & ANTONACCI, Maria Antonieta. (Org.). Ética e história oral: projeto história **Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC – SP.** São Paulo : Ed. da PUC, n. 15, abr, p. 13-50,1997.

PESAVENTO, S.J. **A burguesia gaúcha: dominação do capital e disciplina do trabalho (RS:1889-1930).** Porto Alegre : Mercado Aberto, 1988. (Série documentada, 24).

PORTELLI, A. Tentando aprender um pouquinho: algumas reflexões sobre ética na história Oral. **Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC – SP.** São Paulo : Ed. da PUC, n. 15, abr, p. 13-50,1997.

RECHIA, Aristilda Antonieta. **Santa Maria: cidade sol – coração gaúcho.** Santa Maria : UFSM, 1985. 176p.

**RELATÓRIO da Cooperativa dos Empregados da Viação Férrea do Rio Grande do Sul.** Porto Alegre : Livraria do Globo, 1920-1931.

RIBEIRO, Maria Luisa Santos. **História da educação brasileira: A organização Escolar.** Campinas, São Paulo : Autores associados, 2001. (Coleção Memória da Educação).

SANTA Maria 102 anos. **A Razão,** Santa Maria, 25 mai., 1959, Caderno Especial, p. 10-12.

SANTOS, Claudia Medianeira Gomes dos. **A evolução histórica da cidade de Santa Maria no período de 1930 a 1960.** Santa Maria, 1997. (Monografia).

SELL, C. E. **Sociologia clássica: Durkheim, Weber e Marx.** Itajaí: Ed. UNIVALI, 2001.

SHOLL, Lea. Desejos sociais “versus” práticas educacionais: uma tensão no Imaginário social. In: TEVES, Nilda (Coord.). **Imaginário social e educação.** Rio de Janeiro : Gryphus, Faculdade de Educação da UFRJ, 1992.

SOIHET, Rachel. História das mulheres. In: FLAMARION, Ciro. **Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia.** Rio de Janeiro : Campus, 1991.

SWAIN, Tania Navarro (Org). **História no plural.** Brasília : UNB, 1992.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: A pesquisa qualitativa em educação.** São Paulo : Atlas, 1995.

VEIGA, Cynthia Greice. Estética para o povo. In: TEIXEIRA, Eliane Marta; FARIA FILHO, Luciano Mendes; VEIGA, Cynthia Greice. (Org.). **500 anos de educação no Brasil.** 2. ed. Belo Horizonte : Autêntica, 2000. p. 399-422. (Coleção Historial, 6).

VIEIRO, Lia Margot Dorneles. Atlas Municipal Geográfico de Santa Maria. Diário de Santa Maria, 2003.

### **FONTES ORAIS**

ANTUNES, Maria, Santa Maria, 10/06/2003.

FLORES, Geogirna, Santa Maria, 12/08 e 25/08/2003.

MACHADO, Ana Beatriz, Santa Maria, 25/06 e 07/07 de 2003.

PIZARRO, Íria, Santa Maria, 12/05 e 24/05 de 2003.

SILVA, Astélia, Santa Maria, 19/07/2003.

# **ANEXOS**

## **ANEXO A – DADOS DA COLABORADORA**

- 1) Nome:
- 2) Local e data de nascimento:
- 3) Endereço:
- 4) Cidade:
- 5) CEP:
- 6) Telefone:
- 7) Documento de identidade:
- 8) Profissão:

## **ANEXO B – CARTA DE CESSÃO**

Local:

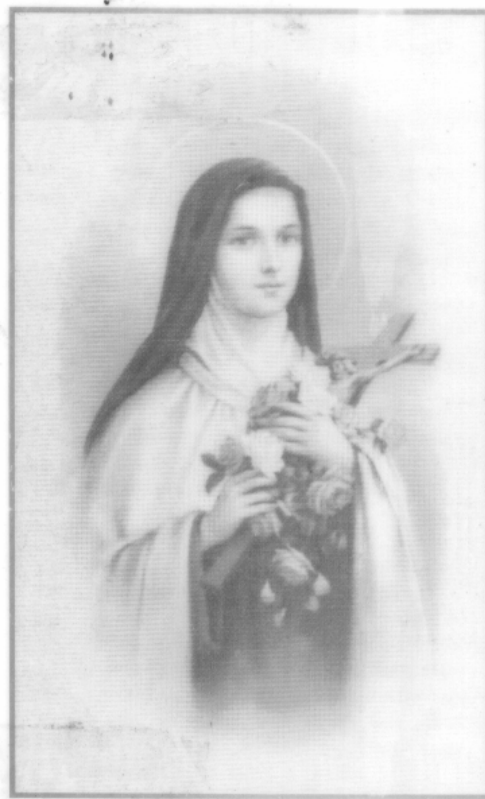
Data:

Eu, \_\_\_\_\_ portadora  
do documento de identidade n ° \_\_\_\_\_, declaro, para os  
devidos fins que cedo os direitos de minha entrevista, dada nos dias  
de \_\_\_\_\_ de 2003 para Claudia Medianeira Gomes dos Santos, mestranda da  
Universidade Federal de Santa Maria, para ser usada integralmente ou em  
partes, sem restrições de prazo e citações, desde a presente data. Da mesma  
forma, autorizo a sua audição e o uso das citações a terceiros, que está sob  
a guarda da Universidade Federal de Santa Maria.

---

## **ANEXO C – RELATÓRIO ANUAL DA COOPERATIVA (1923)**

## ANEXO D – IMAGEM E ORAÇÃO DE SANTA TERESINHA



Santa Teresinha

### *SANTA TEREZINHA DO MENINO JESUS*

Ó Santa Teresinha, branca e mimosa flor de Jesus e Maria, que embalsamais o Carmelo e o mundo inteiro com o vosso suave perfume, chamai-nos, e nós correremos convosco, ao encontro de Jesus, pelo caminho da renúncia, do abandono e do amor.

Fazei-nos simples e dóceis, humildes e confiantes para com o nosso Pai do céu. Ah! Não permitais que o ofendamos com o pecado.

Assisti-nos em todos os perigos e necessidades; socorrei-nos em todas as aflições e alcançai-nos todas as graças espirituais e temporais, especialmente a que estamos precisando agora...

Lembraí-vos, ó Santa Teresinha, que prometestes passar o vosso céu fazendo o bem à terra, sem descanso, até ver completo o número dos eleitos; Ah! Cumpri em nós a vossa promessa: sede nosso anjo protetor na travessia desta vida e não descanséis até que nos vejais no céu, ao vosso lado, cantando as ternuras do amor misericordioso do Coração de Jesus.

Amém!

**ANEXO E – RELATÓRIO COM DIVERSAS CIDADES NO  
INTERVALO (1931).**



**ANEXO F – CURRÍCULO POR CURSO (1927): 1º, 2º, 3º, 4º, 5º, 6º E 7º**

## ANEXO G – CONVITE DE FORMATURA

À  
S. Teresinha

nossa profunda  
gratidão.

*Di-me a educação completa e integral,  
e serás dono do porvir.*



### Convite

As Alumnas-Mestras da Escola Complementar S. Teresinha, convidam-vos e a Ex.<sup>ma</sup> Família para assistir à Missa em ação de graças, que será celebrada às 7.<sup>30</sup> na Capela do Colégio e à Colação de grau, às 19 horas do dia 11 do corrente mês:

S. Maria, Dezembro de 1938.

Parainfo ~ ~ ~ ~ Dr. Antonio Xavier da Rocha.

Homenageados ~ ~ ~ ~ Sr. Domingos Branco Ribas.  
Professoras Florinda Braga Saatal,  
Celia Travassos Alves,  
Lúcia Melchior.

Alumnas-Mestras ~ ~ ~ ~ Arabela Feijó Gomes,  
Aurora Cardona,  
Leoniza P. Dornelles,  
Maria Helena Jobim,  
Maria José Oliveira,  
Neuza Maffioletti,  
Walny Farias,  
Zulmira Monteiro.

Oradora ~ ~ ~ ~ Arabela Feijó Gomes.

## **ANEXO H – PREMIAÇÃO ESCOLAR (1923)**

## ANEXO H - PREMIAÇÃO ESCOLAR (1923)

É também intenção da Directoria a construção de uma sala especial para diversões na mesma Escola.

A criação dos internatos nas diversas Escolas da Cooperativa, para facilitar a educação intelectual e profissional dos filhos dos associados que se acham espalhados ao longo das linhas, foi outra deliberação da Directoria.

Iniciou também a Directoria a construção das officinas annexas a esta Escola.

Em terreno adquirido recentemente nos fundos da Escola, pelo preço de 12:000\$000, já foi dado começo a construção dos alieceres para essas officinas, que deverão ficar promptas ainda este anno.

O seu custo será de 250:000\$000 approximadamente.

Já se acham depositadas na Escola as diversas machinarias adquiridas pelo nosso Director Commercial, na Europa, para installação das seguintes secções:

de CARPINTARIA  
de FUNDIÇÃO  
de FERRARIA  
de MECHANICA  
de ELECTRICIDADE  
de MODELAGEM  
de FUNILARIA

### CURSO COMPLEMENTAR FEMININO.

Pela Exma. Irmã FIDELIA Directora desta Escola, foi apresentado o relatório correspondente ao anno lectivo de 1923.

No dia 1.º de Junho de 1923, com a presença dos Srs. MANOEL e AUGUSTO RIBAS e outras pessoas gradas, foi solemnemente inaugurado o novo edificio destinado a esta Escola.

A matricula aberta no mez de Junho attingiu o elevado numero de 121 alumnas.

A frequencia foi muito boa; as poucas faltas verificadas foram motivadas por força maior.

A matricula nos diferentes annos, obedeceu a seguinte ordem:

1.º anno	—	44	alumnas
2.º "	—	33	"
3.º "	—	17	"
4.º "	—	9	"
5.º "	—	7	"

Dentre as 121 alumnas matriculadas, 11 não se apresentaram por motivos ignorados.

Estiveram presentes aos exames finais do anno lectivo 110 alumnos.

No dia 6 de Dezembro tiveram inicio os exames finais, em presença da Directora do Collegio Sant'Anna e mais irmãs, sendo encerrado no dia 14 do mesmo mez, em presença de uma commissão nomeada pela Directoria.

Os resultados nas diversas materias foram satisfactorios, conforme noticiaram os jornaes.

Em o dia 23 de Dezembro teve a Escola a grande honra de receber a grata visita de S. Ex. o Rvmo. D. Atico Euzebio da Rocha, que manifestou grande satisfação pelo aproveitamento das alumnas nos diversos trabalhos expostos.

O anno lectivo encerrou-se no dia 25 de Dezembro, com um festival commemorativo a grande festa de "NATAL".

Foram premiadas pela Cooperativa as alumnas que mais se distinguiram nos respectivos cursos:

5.º Curso	—	a alumna	CECY OLIVEIRA
4.º "	—	"	GLAURA PEREIRA
3.º "	—	"	HEROTHILDES BORTHOLACCI
2.º "	—	"	CLARA SEVERO
1.º "	—	"	MARGARIDA SCHRAEDER.

Seguiu-se farta e generosa distribuição de brinquedos e bombons a todas as creanças, bem como fatiotinhas, capas, cortes de fazendas, etc. ás mais necessitadas.

Constatando a Directoria ser insufficiente o predio actualmente occupado por esta Escola, dado o avultado numero de alumnas matriculadas no corrente anno, deliberou a aquisição de um terreno situado nas proximidades da Cooperativa para opportunamente construir um edificio com as accommodações para internato e externato, e installações para o ensino profissional.

### CURSO ELEMENTAR MASCULINO DE GRAVATAHY.

Em Junho de 1923 foi inaugurada mais esta Escola elemental, com a presença do Exmo. Snr. Dr. ARISTOTELLES PEREIRA, digno chefe da fiscalisação da rede ferroviaria do Rio Grande do Sul, representantes do Snr. Director da Viação e demais chefes de serviço, representantes da imprensa e grande numero de associados.

O curso foi frequentado por um numero regular de alumnos, e tambem está sob a direcção dos Irmãos Maristas.

Desejando grande numero de socios, residentes no centro da ci-